

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

SUANA MEDEIROS SILVA

**PAISAGENS ALTERNATIVAS – ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA:
Um estudo sobre o espaço naturista da praia de Tambaba – Conde/ PB**

Campina Grande – PB

2009

SUANA MEDEIROS SILVA

**PAISAGENS ALTERNATIVAS – ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA:
Um estudo sobre o espaço naturista da praia de Tambaba – Conde/ PB**

Monografia apresentada
no curso de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
como requisito para obtenção do grau
de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde

Campina Grande – PB

2009

SUANA MEDEIROS SILVA

**PAISAGENS ALTERNATIVAS – ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA:
Um estudo sobre o Espaço Naturista da praia de Tambaba – Conde/ PB**

Monografia apresentada
no curso de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
como requisito para obtenção do grau
de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde

Prof. Es. Daniel Campos Martins

Prof. Ms. Maria Margarida Magalhães Guimarães

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas que de alguma forma, foram alicerces para sua elaboração e conclusão:

A Maria do Socorro Medeiros - minha mãe, pelo exemplo e incentivo à minha educação e formação profissional;

A memória de Carlos Alberto Silva - meu pai, por ter me deixado de herança o interesse pelos estudos e o amor à natureza;

A meus irmãos – Felipe, Juan e Arthur, pela atenção, credibilidade e amizade dedicadas;

Aos meus verdadeiros amigos, que se preocuparam e me incentivaram com companheirismo e troca de idéias;

A Fernando Liberato, por ter sido companheiro, incentivador e colaborador importante nesta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos sinceros a todos que acreditaram e contribuíram para que a proposta desse trabalho fosse concretizada e concluída:

Ao professor Arthur Valverde, meu orientador e amigo, por ter acreditado neste trabalho e incentivado desde o início, disponibilizando atenção, tempo e material sempre que preciso;

Ao professor Adonhiran Ribeiro, por ter colaborado nas primeiras formações de idéias através do seu ponto de vista e base empírica sobre o tema;

A professora Margarida, pelo incentivo e disponibilidade de alguns materiais.

A Giônio Pereira, por colaborar desde o início e ser sempre prestativo em nossas visitas a Tambaba;

Ao professor da UFPB e secretário da SONATA, José Nilton, por ter compartilhado seus conhecimentos e acrescentado muito ao trabalho produzido;

A Joaquim Cléber, por ter sido pessoa fundamental no resgate histórico de Tambaba, contido na pesquisa.

Naturismo

Terra nos meus pés, Meus cabelos no vento, Minha pele no mar...
 Sou tão natureza, Quanto ela sou eu
 Sou liberdade, Que desenha meus contornos...
 Braços, Peito, Olho,
 E realizo o equilíbrio que o mundo desfaz
 Reinvento a vida, E desinvento o caos...

Sou de novo origem
 Sou ar, Água, Terra E fogo...

Prazeres, Dores, Paz E sabores...

Me transformo no que deveria lembrar que sou
 Me habituo ao que esqueci
 Revivo as evoluções, Transformações, Corrupções, Desequilíbrio...

Desengano, Desespero, Desejos...

Ausência, A procura, Do que estava,
 E não se encontra mais, Em lugar comum...

A essência se esvazia da forma
 E as cores se desgastam em valores
 O abstrato agora é tão concreto quanto números
 Fantasias que se tornam pesadelos, Noites sem escuro...

Paralelo a tudo isto, Encontro outro mundo
 Aquele que deveria ser este...

O que não é utopia, E sim remanescente, Reminiscência,
 Do que se foi e não é...

Então esqueço as paredes, A moeda, A cor cinza,
 Os hábitos mecânicos, E me lembro o que sou...
 Quem sou, E querem que eu esqueça...

Suana Medeiros Silva

**PAISAGENS ALTERNATIVAS – ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA:
Um estudo sobre o Espaço Naturista da praia de Tambaba – Conde/ PB**

RESUMO

A hegemonia capitalista é responsável pela desvalorização do ser humano contemporâneo, transformando-o de cidadão a mero consumidor. Incentivando o consumo demasiado de produtos supérfluos e o culto à beleza, a hegemonia impõe, com o apoio da mídia, padrões a serem seguidos pela sociedade; e à medida que estes são aceitos, sufocam a identidade cultural dos lugares, dando espaço a uma cultura massificada e transformada em mercadoria. Outra característica da conjuntura atual desse sistema é a degradação do meio ambiente em nome do desenvolvimento e do progresso, resultando na destruição ou desgaste dos objetos naturais. No entanto, ainda é possível encontrar espaços organizados a partir de uma cultura alternativa, da qual resultam paisagens diferenciadas das que vêm se formando com o capitalismo. Esse fenômeno de reação e de resistência cultural pode ser identificado no *naturismo*, modo de vida fundamentado em valores distintos do capitalismo, que busca o equilíbrio entre a mente e o corpo e se caracteriza pela comunhão com a natureza através da nudez social, do respeito ao meio ambiente e às outras pessoas. Observando as especificidades do espaço naturista e as simbologias presentes em sua paisagem, foi notado em Tambaba um espaço singular não só pela nudez social de seus freqüentadores, mas também pela representação de uma cultura resistente ao processo de aculturação mundial. Destarte, o espaço naturista é o objeto dessa pesquisa e a área a ser estudada é Tambaba, situada no município do Conde, inserida na Área de Preservação Ambiental de Tambaba – APA, desde o ano de 2002, através de um projeto idealizado pelos naturistas da região. A proposta dessa pesquisa é fazer um levantamento histórico do naturismo e da praia de Tambaba, analisar funcional e estruturalmente seu espaço; analisar sua paisagem cultural; e discutir a questão ambiental no tocante a preservação local e a APA. Buscar compreender o naturismo e a organização de Tambaba, no sentido de constatar - ou dissolver, a hipótese de que o espaço naturista é um espaço de resistência e reação à cultura hegemônica, fruto da ideologia capitalista.

Palavras-chave: capitalismo, cultura, naturismo, espaço, paisagem.

ALTERNATIVE LANDSCAPES - SPACES OF RESISTANCE:**A study on the natural areas of the beach Tambaba - Count / PB****ABSTRACT**

The capitalist hegemony is responsible for the devaluation of the contemporary human being, the mere changing of the citizen consumer. Encouraging the consumption of products too superfluous and cult of beauty, to impose hegemony, with the support of the media, standards to be followed by society, and as they are accepted, stifle the cultural identity of the seats, giving space to a mass culture and transformed into merchandise. Another feature of the current system is that the degradation of the environment in the name of development and progress, resulting in the destruction or erosion of natural objects. However, it is still possible to find spaces organized from an alternative crop, which result from different landscapes that have been forming with capitalism. This phenomenon of reaction and cultural resistance can be identified in naturism, way of life based on values other than capitalism, which seeks a balance between mind and body and is characterized by communion with nature through social nudity, respect the environment environment and other people. Noting the specific features of natural spaces and symbols in your landscape, it was noted that Tambaba is a natural area not only for social nudity for its visitors, but also the representation of a culture resistant to the process of acculturation world. Thus, the landscape is the object of this research and the area being studied is Tambaba, located in the municipality of Conde and inserted in the area of Environmental Preservation Tambaba - APA since 2002, through a project designed by the region's natural . The purpose of this research is to survey the history of nature and the beach Tambaba, analyze its structural and functional space; examine its cultural landscape, and discuss the issue with regard to environmental conservation and local BB. Seek to understand the nature and organization of Tambaba, to see - or dissolve, the assumption that the landscape is a space of resistance and reaction to the hegemonic culture, the result of capitalist ideology.

Keywords: capitalism, culture, nature, space, landscape.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: O NATURISMO COMO FILOSOFIA DE VIDA.....	13
1.1 História do naturismo no mundo e no Brasil.....	14
CAPÍTULO 2: PRAIA DE TAMBABA E O MOVIMENTO NATURISTA.....	19
2.1 Perfil dos naturistas de Tambaba.....	22
2.2 Configuração territorial de Tambaba.....	26
2.3 As relações entre os objetos do espaço.....	32
CAPÍTULO 3: O NATURISMO COMO CULTURA DE RESISTÊNCIA: CULTURA E TOPOFILIA.....	37
3.1 A (des) padronização cultural e o naturismo: embates comportamentais e atitudinais.....	40
3.2 O potencial turístico de Tambaba e a filosofia naturista: interesses divergentes.....	45
3.3 APA de Tambaba: uma limitação na expansão comercial e na exploração turística.....	46
CAPÍTULO 4: PAISAGEM CULTURAL DE TAMBABA.....	51
4.1 Sobre a paisagem.....	52
4.2 Paisagem cultural – paisagem alternativa: o caso de Tambaba.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICES.....	66
ANEXOS.....	67

INTRODUÇÃO

A hegemonia capitalista em sua corrida constante pelo poder é responsável pela desvalorização do ser humano contemporâneo, o transformando de cidadão a mero consumidor - que viabiliza a acumulação de lucro das grandes empresas. Incentivando o consumo demasiado de produtos supérfluos e o culto a beleza, a hegemonia impõe, com o apoio da mídia, padrões estéticos e sofisticados a serem seguidos pela sociedade. À medida que esses padrões são aceitos, a identidade cultural dos lugares vão sendo sufocadas e perdidas, dando espaço a uma cultura massificada e transformada em mercadoria.

A busca pelos padrões de beleza e pelo luxo, e a aderência a “nova cultura”, unificam a configuração espacial, de maneira que o espaço se torna um conjunto de objetos característicos de tais tendências. A proliferação do comércio nos litorais, as grifes de marcas famosas e os corpos modelados artificialmente, assim como os grandes hotéis de luxo e as arquiteturas modernas são objetos desse espaço homogeneizado pelo capitalismo.

Outra característica dessa conjuntura é a degradação do meio ambiente em nome do desenvolvimento e do progresso, resultando na destruição ou desgaste dos objetos naturais. No entanto, ainda é possível encontrar espaços organizados a partir de uma cultura alternativa, da qual resultam paisagens diferenciadas das que vêm se formando com o capitalismo. Esse fenômeno de reação e de resistência cultural pode ser identificado no *naturismo*.

Fundamentado em valores bem distintos do capitalismo, o naturismo é um modo de vida que busca o equilíbrio entre a mente e o corpo, e se caracteriza pela comunhão com a natureza através da nudez social, do respeito ao meio ambiente e às outras pessoas. Na filosofia naturista não há culto à beleza artificial, tampouco aceitação dos padrões estéticos impostos pela mídia. Entre os seus princípios encontram-se a preservação do meio ambiente; a valorização do ser humano e sua cultura; e o consumo sustentável¹. Observando as especificidades do espaço naturista e as simbologias presentes em sua paisagem, foi notado que Tambaba é um espaço singular não só pela nudez social praticada por seus freqüentadores, mas também – e principalmente, pela representação de uma cultura resistente ao processo de aculturação mundial.

¹ O conceito de consumo sustentável passou a ser construído a partir do termo desenvolvimento sustentável, divulgado com a Agenda 21, documento produzido durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 1992. (ASSOCIAÇÃO CIVIL ALTERNATIVA TERRAZUL, 2009).

Destarte, o espaço naturista é o objeto dessa pesquisa e a área a ser estudada é Tambaba, praia do município do Conde, localizada a 40km de João Pessoa, capital da Paraíba. Tambaba é praia oficial de naturismo no Brasil desde 1991 e está inserida na Área de Preservação Ambiental de Tambaba – APA desde o ano de 2002, através de um projeto idealizado pelos naturistas da região.

O espaço naturista em questão e a sua paisagem foram construídos a partir do naturismo; e este é o fator relevante nessa construção, que diferencia Tambaba de outras praias da região com características geográficas semelhantes. Essas diferenças são perceptíveis na organização e no funcionalismo desse espaço, assim como em sua *paisagem cultural*.

A proposta dessa pesquisa é, portanto, fazer um levantamento histórico do naturismo e da praia de Tambaba, analisar funcional e estruturalmente seu espaço; analisar sua paisagem cultural; e discutir a questão ambiental no tocante a preservação local e à APA de Tambaba – Área de Preservação Ambiental de Tambaba.

Seu principal objetivo é, através dessas análises, compreender o naturismo e a organização de Tambaba, no sentido de constatar - ou dissolver, a suposição de que o espaço naturista é um espaço de resistência e reação a cultura hegemônica, fruto da ideologia capitalista.

O trabalho se encaminha pelo ramo da geografia crítica, referenciada no geógrafo e intelectual Milton Santos – que analisa a conjuntura econômica e social – assim como no ramo da geografia cultural, que analisa as diversas formas da cultura se apresentar no espaço geográfico. Sendo assim, a pesquisa será norteadada pela dialética, que contrapõe idéias, a fim de se chegar a outra idéia; e pela fenomenologia, uma vez que fará a descrição do ser humano em um dado momento, em uma dada cultura, analisando a percepção que tem do espaço estudado.

Dentre os procedimentos metodológicos, ressalta-se a elaboração de entrevistas e questionários para com os freqüentadores e naturistas de Tambaba, que possibilitou o conhecimento sobre a história desse espaço naturista e as formas de percepção do lugar. Além disso, foram utilizadas: observação *in loco* e análise do campo, assim como pesquisas bibliográficas.

O trabalho se divide em quatro capítulos: o capítulo 1 fala sobre o naturismo no Brasil e no mundo; o capítulo 2 faz um resgate histórico de Tambaba, trazendo uma análise de seus frequentadores e do espaço naturista; o capítulo 3 discute o naturismo como uma

cultura de resistência; e por fim, o capítulo 4 traz uma análise sobre a paisagem cultural de Tambaba. As fotos expostas foram feitas durante as pesquisas de campo, obedecendo às normas da não exposição indevida dos freqüentadores da praia. As pesquisas de campo foram feitas no ano de 2008.

CAPÍTULO 1: O NATURISMO COMO FILOSOFIA DE VIDA

O naturismo é uma filosofia de vida. Um modo de viver pouco comum na sociedade atual, por ter como característica principal a nudez social, que é o ato de despir-se na frente de outras pessoas. Além dessa característica, o naturismo também diferencia os seus adeptos da sociedade em geral pela conservação e preservação ambiental, alimentação saudável e respeito mútuo.

De acordo com Johnson *apud* Pereira (2008, p. 28), “o nudismo possui três grandes objetivos. Quando eles forem claramente entendidos, a maioria das perguntas, que são formuladas sobre o ideal nudista, automaticamente terão sido respondidas”. Os três objetivos citados são: recreação, promoção da saúde física e mental e equilíbrio sexual.

No tocante ao sexo, há uma polêmica que cerca o naturismo: muitos que não conhecem os princípios da filosofia naturista acabam vinculando a nudez social à exposição sexual. Um dos grandes desafios do naturismo é, portanto, desvincular a trivialidade que foi posta entre a nudez social e o sexo. De acordo com o referido autor,

O Nudismo remove certamente a chamada provocação. Quando homens e mulheres estiverem descansados, saudáveis e livres do anormal interesse sexual, que a civilização tem sempre promovido, o Nudismo terá cumprido o seu mais elevado propósito. (PEREIRA, 2008, p. 28)

Segundo Pereira (2008, p. 29), “nudez e sexualidade são, de fato, inerentes à natureza e à biologia humanas. Seria oportuno desclassificar aqui toda uma coleção de pecados hipotéticos e de pudores fabricados”. Outrossim, é importante lembrar, que o sexo é também produto do *marketing*, sendo essencial para grandes empresas enquanto recurso de incentivo para o consumo de diversos produtos.

Por outro lado, para os naturistas a roupa simboliza o *status* e a classe social de cada pessoa, demonstrando o poder aquisitivo e/ou a profissão que têm. Com a prática da nudez social, o naturismo neutraliza essa simbologia e viabiliza a valorização da pessoa enquanto ser humano:

Cada indivíduo e cada grupo familiar anda em um novo mundo, um mundo divertido, diferente, de conversação casual, de absoluta igualdade, onde até a posição social é esquecida [...] Os homens vestidos tornam-se verdadeiros escravos da hipocrisia e dos caprichos da moda, afastando-se da verdadeira liberdade. (PEREIRA, 2008, p. 28).

Na conjuntura atual da sociedade no que diz respeito as necessidades, direitos e regalias, sabe-se que na maioria das vezes, o cidadão é julgado, punido ou beneficiado de acordo com seu poder aquisitivo, *status* ou parentesco com pessoas influentes. Destarte, o

naturismo quebra esse ciclo de valorização materialista que se encontra arraigado na contemporaneidade e recria uma sociedade alicerçada no respeito ao ser humano.

Além da valorização do ser humano, as práticas naturistas são de essencial relevância para o meio ambiente. Considerando toda ação antrópica ao longo da história sobre a natureza e o processo de mudanças no planeta, ocasionado por essa ação, é clarividente a importância da busca pelo equilíbrio, pois ela se reflete nas ações sobre o meio ambiente. A revista *Brasil Naturista* defende - assim como outras literaturas naturistas, um modo de vida sustentável, crucial para a humanidade.

Tem-se a impressão de que as questões ecológicas estejam somente no entendimento e nas mãos de cientistas, políticos, entidades de defesa ambiental ou “experts” do setor, o que faz com que nos sintamos “pequenos”, como se nossas ações não tivessem valor ou o poder de transformar qualquer aspecto da dura realidade que enfrenta nosso planeta nos dias de hoje. Ao invés disso, apesar daqueles que estão no centro do poder tenham perdido o respeito pela Terra e seus habitantes, podemos sim assumir atitudes e comportamentos diferentes, mais conscientes e participativos. (MEIRA, 2008, p. 20).

Pode-se constatar, portanto, que o naturismo assume um papel de agente multiplicador da conscientização ambiental. Ainda que fundamentado em princípios particulares (a nudez social, por exemplo), a sua defesa (ambiental) é inerente e interessante a todos os seres humanos, já que fazem parte do mesmo espaço global.

Para ter-se uma maior compreensão da filosofia naturista, é imprescindível conhecer sua origem e sua forma de difusão e assim, poder analisar seu contexto histórico, de forma, a saber, quais foram os fatores que influenciaram o seu surgimento e qual a sua importância para a sociedade mundial e nacional. No tópico a seguir, ver-se-á esse histórico.

1.1 HISTÓRIA DO NATURISMO NO MUNDO E NO BRASIL

De acordo com o site da Federação Brasileira de Naturismo - www.fbrn.org.br, o naturismo moderno surgiu na França e na Alemanha no início do século 20. Na França (especificamente na Ilha do Levante) foi criada uma "Clínica Helioterapêutica"² pelos irmãos Duvalier. A Alemanha, porém, é que é considerada como a iniciadora do naturismo, quando um professor de educação física propôs aos seus alunos praticarem os exercícios ao ar livre e sem roupas. Como resultado, estes demonstraram aparências mais saudáveis e conseqüentemente, suas famílias aderiram à prática; e em 1903 criaram o Nudismo.

² Onde se pregava que a nudez ao ar livre com alimentação natural (sem nenhum produto animal, drogas, cigarros e bebidas) e contato com outras pessoas ajudava na cura de todos os males físicos.

Em 1906, além de ser criado o primeiro campo oficial para a prática, foi publicado o primeiro livro - "*Die Nacktheit*" (A Nudez) sobre esta filosofia de vida, cujo autor era o professor Ungewitter. Nessa conjuntura, havia também uma grande preocupação com a alimentação, que deveria ser saudável, geralmente baseada no vegetarianismo.

Em 1950 a denominação *Nudismo*, passou a ser *Naturismo* e sua difusão do no mundo aconteceu após a Segunda Guerra Mundial. Em 1952 ocorreu um Congresso Mundial realizado na Suíça, onde se reuniram cerca de 300 naturistas de 14 nacionalidades e foi projetada a criação da Federação Internacional de Naturismo, que viria a nascer no ano seguinte na França.

Em 1974, a Federação Internacional de Naturismo (INF-FNI) criou a definição de Naturismo adotada por todas as entidades naturistas do mundo: "Um modo de vida em harmonia com a natureza, caracterizado pela prática do nudismo em grupo, que tem por intenção favorecer o auto-respeito, o respeito pelo outro e o cuidado com o meio ambiente".

Ainda de acordo com o conteúdo do referido site, a relação da nudez coletiva e o desenvolvimento do indivíduo está no conceito de *body-acceptance* – aceitação do corpo: "na descoberta não apenas intelectual, mas prática (e portanto completa) de que o ser humano é um todo, e não seres selecionados em partes honrosas e partes indecorosas".

Para os naturistas, no Brasil a prática é antiga e existe antes da colonização pelos portugueses; pois hábitos semelhantes ao conceito de Naturismo atual já eram praticados pelos índios que aqui habitavam. Além de andarem nus, respeitavam a natureza, sabendo que dessa forma as gerações futuras poderiam usufruir do mesmo nível de qualidade de vida que tinham. Outrossim, respeitavam as pessoas não pela valorização do seu corpo, mas do seu espírito. Para tal argumentação, relata-se a descrição do escrivão Pero Vaz de Caminha sobre os índios aqui existentes:

...Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas [...] A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. A cerca disso são de grande inocência [...] Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam... (FBRN, 2008).

Apesar de não ter sido o motivo da fundação do naturismo moderno no Brasil, a cultura indígena é um referencial para os naturistas brasileiros. Além disso, considerando os

hábitos de vários brasileiros, de nadarem nus em rios, lagos e praias desertas, entre outros, constata-se que a cultura indígena nativa permanece em parte na cultura brasileira.

A inserção do naturismo moderno no Brasil foi através da atriz Dora Vivacqua, chamada de Luz del Fuego, que após ter estudado na França, criou o “Partido Naturista Brasileiro” em 7 de Setembro de 1949. Em 20 de Novembro de 1954 Luz del Fuego criou no Rio de Janeiro o “Clube Naturista Brasileiro”. A INF reconheceu oficialmente o grupo Naturista brasileiro em 1965, quando publicou no seu Guia Anual uma nota sobre a “Fraternidade Naturista Internacional do Brasil” (FNIB), primeiro nome da Federação Brasileira de Naturismo. Em forma de literatura de Cordel, o naturista e historiador Jorge Bandeira (2005, p. 15-16), relata a trajetória da atriz:

A naturalista e vegetariana
 A passos largos vai andando [...]
 Começou então Luz Del Fuego
 A reunir um grupo de amigos
 Na praia de Joatinga, deserta
 Onde praticava naturismo aos domingos [...].

Em meio às repressões da ditadura, as práticas naturistas tornaram-se escassas; as reuniões públicas foram interrompidas, mas o grupo mantinha contato por carta. Em 1967, Luz del Fuego foi assassinada e o crime permanece sem resolução até os dias atuais. Nos meados da década de 70, grupos clandestinos tomavam banhos e se reuniam em Abricó (Rio de Janeiro-RJ), Olho de Boi (Búzios-RJ) e praia de Ubatuba (Ubatuba-SP), mas de maneira discreta para não chamar atenção.

Era o ano de 1967 [...]
 Luz seria assassinada
 Em 19 de julho deste fatídico ano
 E a policia não pôde fazer nada [...]
 A vida de Luz Del Fuego
 Serve de exemplo e grandeza [...]. (BANDEIRA, 2005, p. 26-27).



FIGURA 1
Fonte: Memória viva, 2008.

Com o declínio dos ideais ditatoriais na década de 80, um grupo em Santa Catarina, na cidade de Camboriú, começou a tomar banho sem roupas numa praia deserta chamada “Praia do Pinho”. Após sair em revista de circulação nacional como matéria de capa, o naturismo se coloca em ascensão e em 1986 e 1988, foram criadas respectivamente, a Associação Naturista da Praia do Pinho (atual AAPP) e a Federação Brasileira de Naturismo (FBrN). O Brasil conta hoje com oito praias de naturismo oficiais (reconhecidas pela FBrN), alguns clubes (também reconhecidos) e outras praias não-oficiais, mas onde se pratica o nudismo, como observado no quadro abaixo:

<i>Praias Naturismo</i>	<i>Clubes Naturismo</i>
Praia do Pinho - SC	Colina do Sol - RS
<u>Tambaba - PB</u>	CEMHM- RJ
Barra Seca - ES	Rincão - SP
Abricó - RJ	Mirante Paraíso - SP
Galheta - SC	Recanto - RJ
Olho de Boi - RJ □	
Massarandupió - BA	
Pedras Altas - SC	

Fonte: Brasil naturista, 2009.

CAPÍTULO 2: PRAIA DE TAMBABA E O MOVIMENTO NATURISTA

Tambaba é uma praia do litoral sul paraibano, situada no município do Conde, a 48 Km de João Pessoa e a 128 Km de Recife. O acesso se dá pela BR 101 e PB 108 rumo a Jacumã, a uma distância de pouco mais de 30 Km, sendo a maior parte percorrida sobre estrada asfaltada em bom estado. A praia possui uma beleza cênica por ser dotada de diversos recursos naturais, além de especificidades provenientes do naturismo.

Segundo registros da SONATA (Sociedade Naturista de Tambaba), o naturismo em Tambaba teve início quando um pequeno grupo de pessoas resolveram praticar o nudismo na praia em meados de 1989. À medida que o grupo se ampliava, cresciam as reclamações de pessoas da comunidade, de parte da igreja e até de alguns vereadores. Em janeiro de 1990, quando da posse do prefeito do município do Conde, Aluizio Vinagre Regis, o mesmo acalma os descontentes, estimula o movimento e incentiva a criação da AAPT – Associação dos Amigos da Praia de Tambaba, entidade que congregaria seus freqüentadores.

No dia 25 de janeiro de 1991, o então prefeito editou o Decreto 276, oficializando o espaço compreendido entre a Pedra dos Despachos e o Rio Graú, como sendo área destinada à prática do naturismo. Em seguida, houve a criação da SONATA (Associação Naturista de Tambaba), a qual instituiu princípios e normas para este espaço naturista. A figura abaixo mostra a placa fixada na entrada da área de nudismo:



FIGURA 2: INÍCIO DA ÁREA NATURISTA
Suana Medeiros, 2008.

De acordo com Joaquim Cléber A. Pinto – naturista e comerciante em Tambaba, a construção do espaço naturista passou por cinco fases distintas ao longo de seis anos, até chegar a sua configuração atual. Cléber é um dos fundadores do lugar e acompanhou todas as fases, a partir do ano de 1989, quando começou a trabalhar em seu comércio e ajudar na organização do espaço junto ao prefeito citado acima.

Ao explicar sobre essas fases, o relator se refere que logo no início, houve um movimento da igreja evangélica contra o naturismo. Eles protestavam e reivindicavam o fim da prática nudista, argumentando que “aquilo era coisa do demônio”. Porém, nada adiantou, sendo logo vencidos pela persistência dos naturistas, que defendiam o que acreditavam: no naturismo como filosofia de vida.

A princípio, a idéia de Cléber era de não abrir a praia de nudismo para homens desacompanhados para evitar futuros conflitos. Porém, o prefeito defendia o direito a todos de visitarem a praia e dessa forma, a primeira fase de Tambaba foi sua divisão, utilizando-se de uma corda, em duas áreas: uma para homens desacompanhados e a outra para casais. O problema foi que o bar ficava situado na área dos casais e os homens desacompanhados não tinham acesso. Por isso, a divisão foi repensada, vindo então a segunda fase, quando o bar foi dividido entre as duas áreas. Contudo, essa divisão teve como consequência problemas entre os casais e aqueles que iam à praia na intenção de observar as mulheres despidas.

Sendo assim, em sua terceira fase, Tambaba foi dividida por uma rampa que separava os frequentadores nas mesmas categorias, mas com certo isolamento e privacidade. Com isso, a área dos homens desacompanhados, começou a atrair um público homossexual, que segundo Cléber, na sua maioria, não se interessava pelo naturismo, mas apenas pelo contato com os homens que se encontravam ali. Destarte, para unir os gêneros, a quarta fase da praia é a classificação de suas duas áreas em *área opcional* e *área de nudismo*. Na primeira área, a prática do nudismo era opcional e na segunda, obrigatória.

Essa divisão, no entanto, continuou atraindo muitos curiosos que não se interessavam em praticar o naturismo, mas apenas observar a prática por outros frequentadores. Por conseguinte, em sua quinta e atual fase, a prática do naturismo foi proibida na área opcional – sendo transformada em área para visitantes vestidos; e permitida apenas na área naturista. As duas áreas são divididas por uma escada coberta de vegetação que não permite a visibilidade da área vizinha. As figuras a seguir (3 e 4) mostram, respectivamente, parte da área convencional e a escada que divide as duas áreas:



FIGURA 3: ÁREA CONVENCIONAL
Suana Medeiros, 2008.



FIGURA 4: ESCADA ACESSO À ÁREA NATURISTA
Suana Medeiros, 2008.

Atualmente, a praia Tambaba é regida pela SONATA, que cuida da organização e funcionamento, assim como do cumprimento das normas instituídas por ela, de acordo com o naturismo. Essas normas são de preservação da praia, conduta e respeito mútuo. Os

visitantes que não as seguem podem levar punições que vão desde advertências a expulsões da área naturista.

O último fato importante para Tambaba e o naturismo foi a realização do 31º Congresso Internacional de Naturismo no período de 09 a 13 de setembro de 2008. Segundo a SONATA, Tambaba foi escolhida entre as praias naturistas do Brasil para sediar o congresso por ser considerada praia modelo de naturismo no Brasil e no mundo.

O referido congresso foi realizado pela Federação Internacional de Naturismo – INF, pela Federação Brasileira de Naturismo – FBRN, Sociedade de Naturistas de Tambaba – SONATA e pela Prefeitura Municipal Cidade de Conde, contando ainda com o apoio do Governo Federal, da Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, Governo do Estado, dentre várias entidades e empresas privadas.

Durante o congresso ocorreu fórum de discussão, mostra de vídeos, feira de artesanato, fotografia, palestras e lazer. Segundo informações dos organizadores, mais de mil naturistas de diversos países participaram da abertura do evento, além dos quatro mil visitantes esperados durante toda a realização. Pereira *apud* Honorato, atual presidente da FBRN, em entrevista ao Jornal da Paraíba, fala da importância do congresso para o naturismo:

Nós queremos mostrar que a cada dia o número de naturistas cresce no mundo e, conseqüentemente, no Brasil e Paraíba. O congresso serve para mostrar que ser naturista é respeitar a natureza através da preservação do meio ambiente. Nossa filosofia é pregar uma aproximação entre o ser humano e o ambiente natural [...].(HONORATO, 2008).

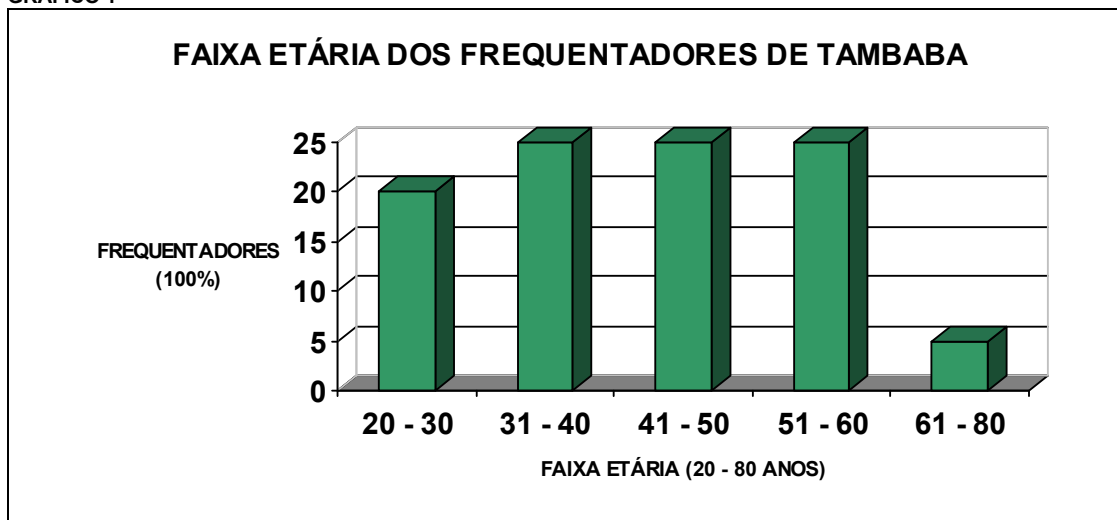
O congresso internacional, além de concretizar e disseminar a ideologia do naturismo para o mundo, também foi meio de apresentação da praia Tambaba como lugar turístico. Com a grande divulgação nacional e internacional, Tambaba, antes desconhecida por maioria de brasileiros e estrangeiros, agora é conhecida por suas belezas naturais, pela tranquilidade e pela filosofia naturista, que a marca oficialmente.

2.1 PERFIL DOS NATURISTAS DE TAMBABA

Para traçar um perfil dos freqüentadores de Tambaba, elaborou-se um questionário com nove perguntas objetivas - para obtenção de dados; e quatro perguntas subjetivas - para análise de suas percepções sobre o naturismo e sobre Tambaba. Na pesquisa de campo, para os dois universos pesquisados – freqüentadores e naturistas, utilizou-se uma amostra de 16 pessoas. Além do questionário aplicado, observação *in loco* foram feitas, fato que complementou a análise. A pesquisa foi realizada em agosto de 2008.

A análise dos dados mostram que os frequentadores em sua maioria são casais - jovens, adultos, e/ou de terceira idade. Há também presença de crianças, que, apesar de aparecer como uma frequência menor, é uma característica importante no que diz respeito ao aspecto familiar que a praia naturista oferece aos seus frequentadores. Não foi constatada durante as observações *in loco*, a presença de adolescentes; e apenas a presença de duas crianças. O gráfico 1 mostra os dados coletados sobre a faixa etária dos mesmos:

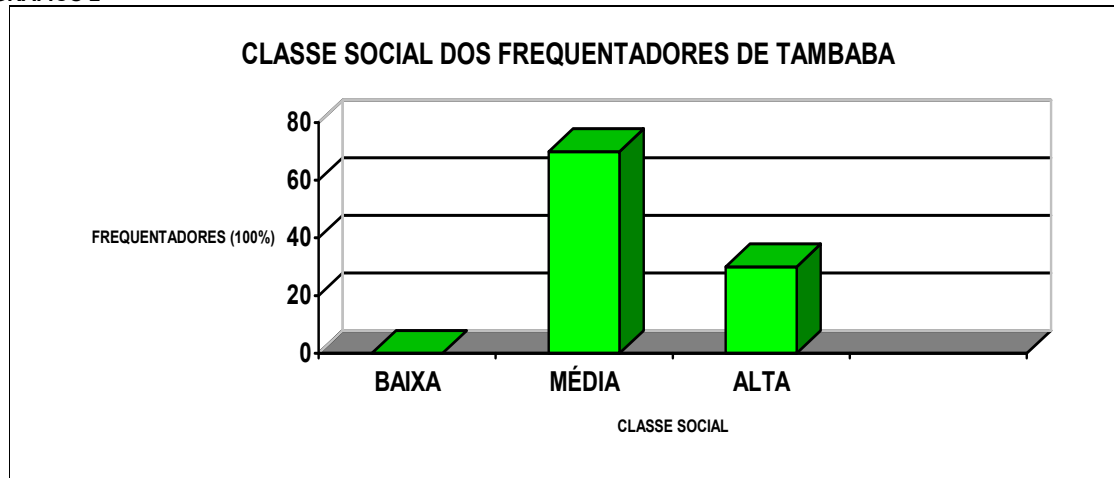
GRÁFICO 1



Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

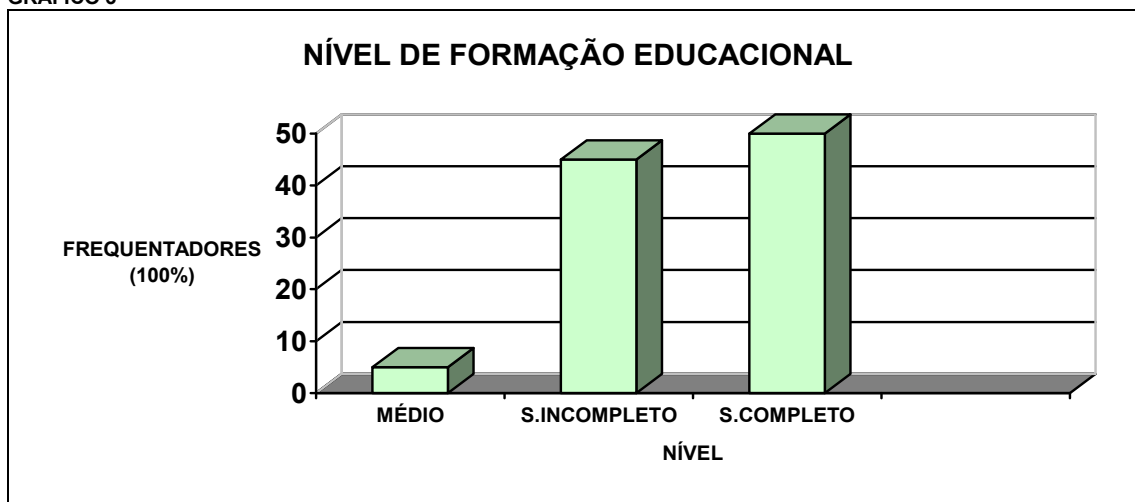
Outros fatores pesquisados foram o nível de formação educacional e a classe social declarada pelos frequentadores. Constatou-se que a maioria dos frequentadores pertencem às classes sociais média e alta; e possuem nível superior incompleto ou completo. Os gráficos 2 e 3 mostram os resultados da pesquisa:

GRÁFICO 2



Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

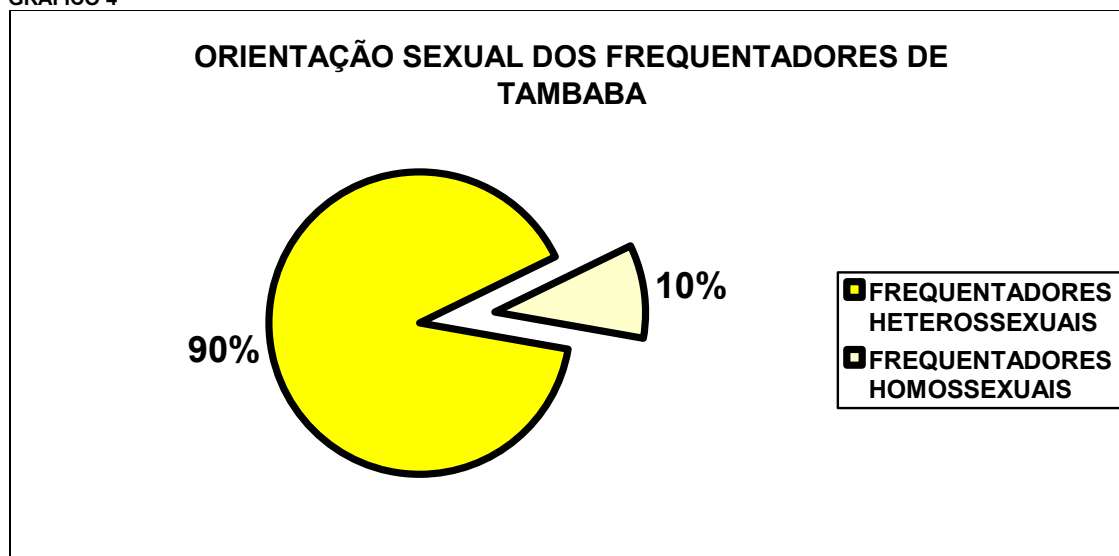
GRÁFICO 3



Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

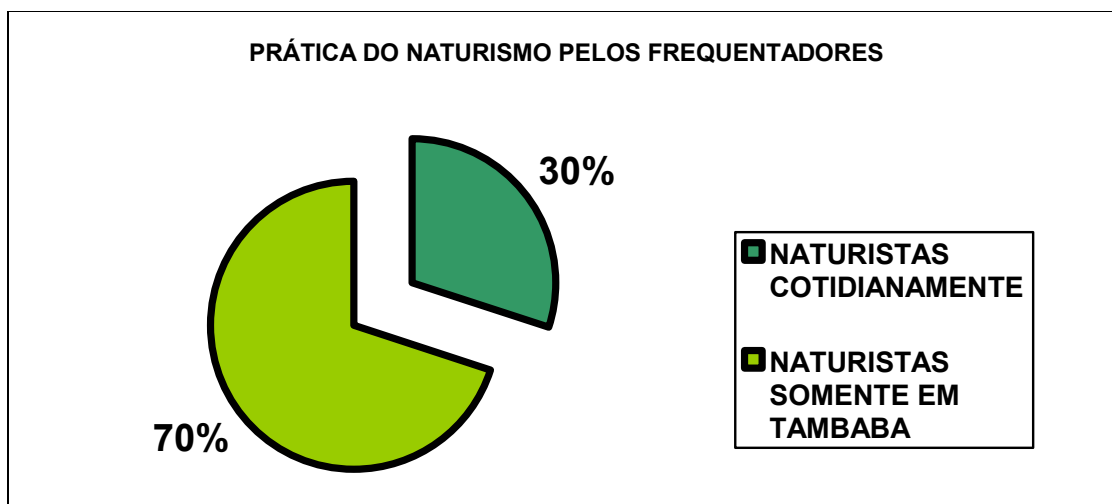
A maioria dos casais é heterossexual, mas a maioria dos frequentadores individuais é do sexo masculino (associados à SONATA); no mais, todos apresentaram em comum a ausência de padrões religiosos rígidos. Cerca de 30% dos naturistas praticam o nudismo também em casa e em outros lugares possíveis, assim como praticam a preservação ambiental e hábitos naturistas como alimentação saudável. Os outros 70% praticam o nudismo apenas em Tambaba e não vivem a filosofia naturista integralmente; porém, tentam estender os hábitos a alguns setores da vida, a exemplo da preservação em outras praias e o respeito ao próximo.

GRÁFICO 4



Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

GRÁFICO 5



Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

Através dos dados coletados, chegou-se as seguintes considerações: a faixa etária dos frequentadores é variada a partir dos 20 anos e se concentra na idade adulta, porque estes supostamente, dispõem da autoconfiança e da maturidade comumente ausentes na adolescência; por outro lado, o registro de uma quantidade menor de pessoas com idade mais avançada, pode ser considerada em decorrência das dificuldades de locomoção ou pela cultura tradicional dessas gerações, que dificulta a aceitação de uma cultura alternativa ou a quebra de certos padrões vigentes.

Sobre a classe social e o nível de formação educacional, constatou-se que as pessoas que frequentam Tambaba têm acesso à educação formal, o que pode ser relevante no sentido de através desse fato, poder ter uma visão mais ampla sobre cultura, equilíbrio mental e físico; e sobre a necessidade de preservação ambiental. Nesse caso, o acesso à educação, possibilitado por suas classes sociais, um meio a mais para que compreendam a nudez social como uma prática natural do ser humano, e não como uma exposição sexual e vulgar.

No tocante à frequência com a diferencial orientação sexual, constatou-se que a grande maioria são pessoas heterossexuais. Este resultado pode estar relacionado com a característica de ambiente familiar moderno que a praia naturista tem, e que pode se chocar com a perspectiva de um novo modelo de família, defendido pelos homossexuais. Igualmente, outro fator pode ser o receio de não serem aceitos, relacionando a nudez social à exposição de suas opções sexuais.

A pesquisa também constatou, que Tambaba é o espaço mais usado para a prática dos hábitos naturistas por parte de seus freqüentadores, pois apenas a minoria pratica tais hábitos em casa ou em outros espaços. Cogitam-se dois fatores responsáveis por essa realidade: um é o fato de que hábitos naturistas, são muitas vezes inviável em dias atuais; o outro é que o espaço naturista de Tambaba, é que provoca esse envolvimento com o naturismo por toda simbologia que ele contém e as simbologias que envolvem as pessoas no espaço total cotidianamente têm outras perspectivas.

2.2 CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE TAMBABA

Segundo Santos (1994, p. 75), “a configuração territorial é o território e mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou artificiais que a definem”. De acordo com esta afirmação, podemos dizer que a configuração territorial é o todo de uma área, incluindo as formas geográficas e as construções.

A configuração territorial da praia de Tambaba é constituída pela área opcional mais a área naturista e todos os objetos contidos nessas duas áreas. Os objetos naturais de Tambaba são: a vegetação de mata atlântica, as falésias, as rochas, dentre outros que estão presentes nas duas áreas. Os objetos artificiais são: três barracas de comerciantes e um bar na área convencional (entrada e praia); uma pousada e um bar/restaurante na área naturista.

A configuração territorial é sempre um sistema, ou melhor, uma totalidade, ainda que inerte. A natureza é uma totalidade e um sistema à medida que não há independência entre as partes, nem na natureza chamada natural, nem na natureza transformada. (Santos, 1994, p. 76)

O sistema referido pelo autor, compreende a relação que existe entre os objetos e que dá sentido a eles. Além da natureza, todas as barracas contidas na praia de Tambaba fazem parte de um sistema. Tanto um sistema de organização, onde as barracas são cadastradas na prefeitura municipal como parte funcional da praia, quanto um sistema de relações entre natureza, comerciantes e freqüentadores, através do qual, todos os objetos se complementam. Para Santos (1994, p. 77), “podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes”.

Assim sendo, compreende-se que a configuração territorial é subordinada a sociedade e a história. Ou seja, é um conjunto que ainda que não mude de formas, pode mudar de sentido de acordo com a conjuntura socioespacial e com a relação sociedade/ natureza. As

figuras seguintes evidenciam os objetos artificiais da praia (respectivamente, as barracas na entrada e na área convencional; e o restaurante na área naturista).



FIGURA 5: BARRACA NA ENTRADA
Suana Medeiros, 2008.



FIGURA 6: CARROS E BARRACA
Suana Medeiros, 2008.



FIGURA 7: BARRACA
Suana Medeiros, 2008.



FIGURA 8: BAR NA ÁREA CONVECIONAL
Suana Medeiros, 2008.



FIGURA 9: BAR E RESTAURANTE NA ÁREA NATURISTA
Suana Medeiros, 2008.

A configuração territorial de Tambaba passou por mudanças ao longo de sua história; porém, de pouca relevância se comparadas à mudança que sofreu durante a realização do Congresso Internacional de Naturismo, onde foram acrescentados a ela vários objetos. Foi montada uma estrutura que viabilizou um maior fluxo de pessoas, a exemplo do estacionamento, banheiros químicos e estandes que serviram como feira de artesanatos, produtos inerentes à ideologia naturista e praça de alimentação.

Apesar de todo o espaço da praia ter sido todo destinado à prática do nudismo durante o congresso, a área oficial de nudismo sofreu poucas alterações em relação a novos objetos. Foi acrescentado apenas cadeiras para o restaurante/bar e uma tenda com salva-vidas; a estrutura citada acima, juntamente com o lugar de realização de palestras ficou na área que é convencional em dias normais. Dessa forma, entende-se que houve uma preocupação para que a organização do evento não prejudicasse o meio ambiente e o espaço não sofresse modificações em sua estrutura natural (objetos naturais).



FIGURA 10: CADEIRAS DO BAR NATURISTA
Suana Medeiros, 2008.



FIGURA 11: STANDS PARA OS DIAS DO CONGRESSO
Suana Medeiros, 2008.

A esta mudança na configuração territorial de Tambaba durante o congresso, pode-se chamar de espacialização, que segundo Santos (1994, p. 74) “seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial”. Portanto, esse acréscimo de objetos, gerou em Tambaba, uma espacialização diferente da que se vê na praia normalmente; contudo, sem alterar definitivamente a configuração territorial, tampouco o espaço.

A compreensão sobre a configuração territorial e a espacialidade de determinado lugar, se torna mais ampla quando compreende-se o funcionamento do espaço em questão. Contudo, para iniciar-se uma análise do mesmo – e assim poder fazer a relação entre as categorias, é necessário de antemão, entender o que é espaço.

É sabido que a ciência geográfica vem travando ao longo de sua história, inúmeras discussões que tentam definir conceitos sólidos para espaço. A amplitude concreta e abstrata dessa categoria desencadeia uma série de questões e argumentos que formam uma amarração de problemáticas e hipóteses; todas elas, na tentativa de aproximar a epistemologia dos fenômenos.

Inicialmente, destaca-se a primeira questão a respeito dessa temática: Será a geografia tão ampla em suas discussões, em razão do seu objeto de estudo? Ou este, se torna tão complexo porque é objeto de análise da geografia? Antes de ensaiar qualquer resposta, considera-se a interrelação arraigada neles, que chega a causar confusão na tentativa das primeiras formulações de pensamento.

A resposta virá, supondo que a geografia estude, por exemplo, apenas o meio físico. Decerto que enquanto ciência, não se deteria às formas geográficas e por necessidade

relacional, estenderia suas discussões para fatores externos que não fosse o natural. Imagina-se agora, o espaço como objeto de estudo de outra ciência que não se preocupasse com o social. Provavelmente, seria impossível estudar o espaço, sem estudar conjuntamente a sociedade. Em algum momento, portanto, o espaço nasceu para a geografia e vice-versa.

Dessa forma, transferindo essa percepção de interdependência discutida colocando dentro da definição de espaço, tem-se então o espaço como um emaranhado de argumentos, relacionados uns aos outros. Trocando-se a expressão “argumentos” por “elementos”, fica-se com a interrelação, que une todos os elementos e através disso, dá sentido a cada um.

Considerando-se esta conclusão e deixando-se de lado a primeira questão levantada, de forma sintética e imediata, defini-se espaço como a soma e a relação de tudo que existe sobre a Terra. Esse “tudo”, Santos (1926, p. 6) conceitua de “elementos do espaço” e os classifica em homens, firmas, instituições, meio ecológico e infra-estruturas. Em outro momento, o referido autor fala sobre esses elementos e as relações entre eles:

O espaço não é uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas [...] O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. (Santos, 1994, p. 61-62)

Como já colocado, a amplitude do espaço se dá no seu concreto e no seu abstrato. Portanto, analisá-lo vai além de estudar suas formas e sua funcionalidade. Há fatores menos palpáveis que a economia, por exemplo, e que, no entanto, são essenciais na organização de um dado espaço. Antes da existência do dinheiro, o ser humano já construía e organizava seu espaço de maneira adaptável e inerente ao seu modo de vida. Corrêa (1997, p. 294), comenta: “Firey argumenta que símbolos e sentimentos são variáveis que podem conformar o espaço e que este não se caracteriza apenas por atributos econômicos, mas também por conter símbolos derivados de valores culturais enraizados”.

O espaço naturista é um exemplo de espaço caracterizado mais por símbolos culturais, que por atributos econômicos. Contudo, atualmente os discursos do sistema econômico são tão persuasivos, que levam a crer que tudo que é transformado, criado ou mantido é para obtenção de lucro. Mas o espaço é muito complexo e muito denso para ser regido apenas por um único fator, ainda mais quando este fator é externo à natureza do ser

humano. E fala-se externo, no sentido de valores materiais que representam muito mais um sistema, do que o próprio ser humano inserido nesse espaço.

O espaço habitado se tornou um meio geográfico completamente diverso do que fora na aurora dos tempos históricos. Não pode ser comparado, qualitativa ou estruturalmente, ao espaço do homem anterior á revolução industrial [...]. (Santos, 1994, p. 44).

No tocante a espaço habitado, é interessante observar-se e atentar que, por exemplo, uma residência é um espaço, e que esta, é organizada e estruturada de acordo com as necessidades, capacidades financeiras e preferências de seus moradores. O mesmo deveria se dá com o espaço global, considerando que sua organização deveria inicialmente, suprir as necessidades de todos os seus habitantes, alcançando todas as classes sociais e respeitando as diferenças culturais. Utopia; pois o espaço global pode ser comparado a um enorme e sofisticado hotel, que seleciona seus hóspedes de acordo com o poder aquisitivo e grau de inserção no mundo globalizado. Santos (1994, p. 44) prossegue a discussão:

[...] Agora, o fenômeno se agrava, na medida em que o uso do solo se torna especulativo e a determinação de seu valor vem de uma luta sem trégua entre os diversos tipos de capital que ocupam a cidade e o campo.

Assim como a cidade, o espaço naturista de Tambaba sofre especulações e é alvo de disputas políticas e econômicas. Exemplo disso é um projeto - com fins lucrativos - para construção de um *resort*, que tem a intenção de atrair turistas curiosos e/ou interessados pelo naturismo. Contrário, portanto, à apropriação pelos naturistas e freqüentadores, que não é feita para obtenção de lucros.

Outrossim, voltando à discussão sobre a organização do espaço, em Tambaba ela (a organização) não se dá em função da economia; e dessa forma, a análise é feita através da abstração presente nesse espaço. Não por ausência de objetos ou de formas materiais, mas pela essência que os caracteriza, dá sentido a eles e rege seu funcionalismo. O naturismo não é algo concreto, como um sistema econômico que produz dinheiro. É algo abstrato, como um estado de espírito que produz percepções.

Destarte, o espaço em questão é produto das percepções adquiridas através do naturismo. A análise do mesmo, feita através do estudo da filosofia de vida naturista, nos possibilita compreender o que a ideologia capitalista provavelmente não nos permitisse. Como analisar na conjuntura atual (econômico-social), um espaço potencialmente turístico, mas desprovido de atrativos para o consumismo? Decerto, somente compreendendo os princípios que o regem.

Dessa forma, entende-se com a análise, que o espaço naturista possui como qualquer outro espaço, os objetos, o funcionalismo e um sistema de relações. A diferença encontra-se na não padronização com o espaço total. Os objetos da praia de Tambaba não se encaixam no caráter e/ou simbologia capitalista; não servem para disseminar tal ideologia, tampouco para a geração de lucro de várias empresas privadas, como comumente, vemos em litorais brasileiros e paraibanos. O funcionalismo obedece às regras do naturismo. É subordinado ao modo de produção do Estado, mas somente a partir do momento em que entram em ação as relações econômicas necessárias para o fluxo da praia.

Seguindo o mesmo critério ideológico, as relações existentes são predominantemente humanas; criadas e mantidas por afinidades e laços afetivos. Ao contrário do espaço total, que as relações - levando em consideração todos os elementos do espaço (os homens, as firmas, as instituições, as infra-estrutura e o meio ecológico), são em sua maioria econômicas; criadas e mantidas por laços trabalhistas. A primeira nasce de interesses pessoais; a segunda por interesses econômicos.

De acordo com o analisado e discutido, conclui-se que a organização do espaço naturista e todos os objetos construídos em Tambaba pela ação humana, representam uma apropriação responsável e sustentável do solo. Apropriação viabilizada e mantida pela filosofia de vida naturista; e que apesar de não suprir todas as “necessidades” do homem contemporâneo, mantém sua funcionalidade espacial de maneira constante. O espaço naturista é, portanto, um subespaço que se diferencia do espaço total pela sua ideologia, cultura, organização e funcionalidade.

2.3 AS RELAÇÕES ENTRE OS OBJETOS DO ESPAÇO

Os objetos são a materialização da ação social, são o conteúdo físico do espaço. Eles formam a configuração territorial, “que é o território mais o conjunto de objetos existentes sobre ele” (SANTOS, 1994, p. 75). Coloca-se uma discussão ampla em torno da definição de objetos. Para Enri Focillon (1943, 1981 p. 4 *apud* SANTOS 1996, p. 52-53) existem coisas e objetos; as primeiras seriam naturais, provindas da natureza; os segundos seriam artificiais, produzidos pelo homem. Considerando essa opinião, Santos (1996, p. 53), afirma:

Hoje, e cada vez mais, os objetos tomam o lugar das coisas. No princípio, tudo era coisas, enquanto hoje tudo tende a ser objeto, já que as próprias coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passam também, a ser objetos. Assim, a natureza se transforma em um verdadeiro sistema de objetos e não mais de coisas e, ironicamente, é o próprio movimento ecológico que completa o processo de desnaturalização da natureza, dando a esta última um valor.

Os geógrafos consideram que todos os objetos existentes na superfície da terra, que se cria fora do homem, é um objeto geográfico, seja ele móvel ou imóvel; natural ou artificial. Os objetos são peças fundamentais para compreensão da sociedade, pois estão em constante relação, formando um sistema.

A partir do reconhecimento dos objetos na paisagem, e no espaço, somos alertados para as relações que existem entre os lugares. Essas relações são respostas ao processo produtivo no sentido largo, incluindo desde a produtividade de mercadorias à produção simbólica. (SANTOS, 1996, p. 58)

A praia de Tambaba possui um sistema de objetos geográficos específicos, que faz dela um subsistema do sistema total de objetos. A ação do homem na manutenção dos objetos naturais e na produção de outros objetos nesse espaço é carregada de simbologia, cuja significação é dada pelo naturismo.

Somado ao sistema de objetos, tem-se o sistema de ações, através do qual o ser humano age sobre a natureza, sobre as coisas, e sobre ele mesmo. Santos (1996, p. 64) diz que “o conjunto do campo de atividades de cada indivíduo é codificado pelo sistema de regras, do mesmo modo que o seu campo relacional”. Considerando-se essa afirmação, compreende-se que a ação dos indivíduos sobre o espaço de Tambaba, assim como as relações mantidas com os objetos e com as pessoas, obedece às normas do naturismo (figura 12).

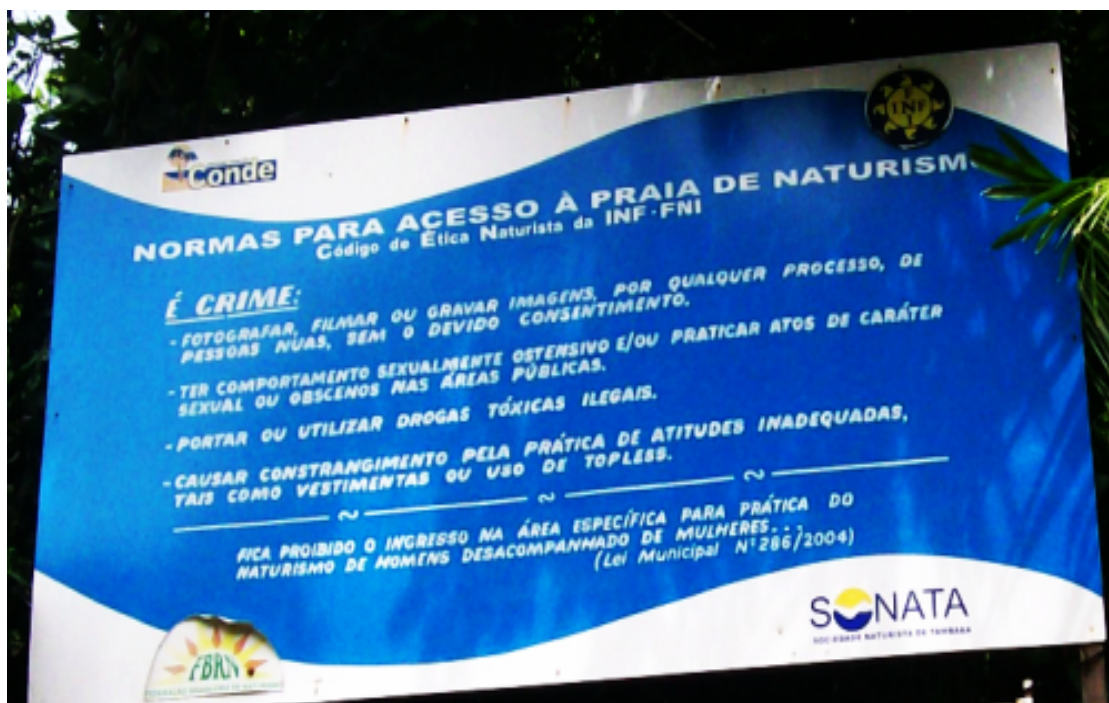


FIGURA 12: NORMAS PARA ACESSO À PRAIA DE NATURISMO. É CRIME: - FOTOGRAFAR, FILMAR OU GRAVAR IMAGENS, POR QUALQUER PROCESSO, DE PESSOAS NUAS, SEM O DEVIDO CONSENTIMENTO./- TER COMPORTAMENTO SEXUALMENTE OSTENSIVO E/OU PRATICAR ATOS DE CARÁTER SEXUAL OU OBSCENOS NAS ÁREAS PÚBLICAS./- PORTAR OU UTILIZAR DROGAS TÓXICAS ILEGAIS./- CAUSAR CONSTRANGIMENTO PELA PRÁTICA DE ATITUDES INADEQUADAS, TAIS COMO VESTIMENTAS OU

TOPLESS./FICA PROIBIDO O INGRESSO NA ÁREA ESPECÍFICA PARA PRÁTICA DO NATURISMO DE HOMENS DESACOMPANHADOS DE MULHERES. (Lei municipal nº 286/2004)
Suana Medeiros, 2008.

Todo sistema de objetos e todo sistema de ação estão inseridos numa realidade ampla, numa totalidade, através da qual é possível analisar, comparar e compreender as relações entre os lugares. Segundo Santos (1996, p. 92), “um caminho seria partir da totalidade concreta como ela se apresenta neste período de globalização – uma totalidade empírica – para examinar as relações efetivas entre a Totalidade-Mundo e os Lugares”. Para o referido autor,

[...] cada lugar atribui a cada elemento constituinte do espaço um valor particular [...] de uma forma ou de outra, cada elemento do espaço entra em relação com os demais, e essas relações são em grande parte ditadas pelas condições do lugar. Sua evolução conjunta num lugar ganha, destarte, características próprias, ainda que subordinada ao movimento do todo, isto é, do conjunto dos lugares. (SANTOS, 1985, p. 10),

As transformações da totalidade e sua história afetam as partes (os lugares) de acordo com suas especificidades, e estes, por sua vez, respondem de acordo com sua realidade e ideologia locais. Ou seja, todo o processo no sistema de objetos e sistema de ações, depende da maneira como os lugares (as partes) absorvem as mudanças da totalidade (exterior) e devolvem para a mesma. É uma troca, fundamentada na essência de cada lugar.

Quando, num lugar, a essência se transforma em existência, o todo em partes e, assim, a totalidade se dá de forma específica, nesse lugar a história real chega também com os símbolos. Desse modo, há objetos que já nascem como ideologia e como realidade ao mesmo tempo [...] Nessas condições, a totalidade social é formada por mistos de “realidade” e “ideologia”. É assim que a história se faz. (Santos, 1996, p. 102).

A partir dessas colocações e da observação da configuração territorial do espaço naturista de Tambaba, compreende-se que este espaço mantém uma relação de reação ao espaço total no que diz respeito à globalização. Os objetos criados nesse espaço e os objetos naturais que são preservados representam a significação do naturismo: sua resistência à hegemonia cultural, que viabilizou a criação de um espaço que é referência humana, social e cultural em meio à globalização - cuja tendência é unificar os costumes e sufocar as particularidades de comunidades, tribos e povos.

Apesar da relação material no tocante ao sistema econômico - cuja separação é improvável na conjuntura atual, a relação do espaço naturista (de seus objetos) com o espaço total é de predominância ideológica, uma vez que o primeiro não absorve todos os objetos do segundo, mantendo dessa forma a simbologia, que fundamentada numa cultura diferente, dá sentido ao referido lugar.

Deve-se enfatizar que o espaço naturista não é um lugar comum, provido de todos os serviços e instituições, ou seja, da estrutura existente em lugares do espaço total, que servem de *habitat* para as pessoas. O espaço naturista é um lugar de estância, desprovido da maior parte das necessidades humanas e dos atrativos do mundo moderno e globalizado, a exemplo de hospitais, mercados, confecções, escolas, cinema, entre outros. Como conseqüência, o espaço naturista e todos os seus freqüentadores são dependentes, relacionados e interligados com o espaço global.

Dessa forma, a relação contínua do espaço naturista com o espaço global é inevitável; porém, é uma relação de troca, viabilizada pelos freqüentadores, que nesse contexto, são os representantes do espaço total. É uma troca onde o espaço naturista oferece o que o espaço global não oferece e vice-versa. Uma troca material e ideológica, onde Tambaba, enquanto lugar fornecedor da ideologia, não absorve a ideologia dos outros lugares, mas o lugar (lugares) fornecedor da materialidade, algumas vezes faz uso da materialidade da praia de Tambaba.

Pode-se exemplificar sobre a ideologia, citando primeiro a questão da preservação ambiental. Os freqüentadores, oriundos de qualquer lugar do espaço global, ao estarem no espaço naturista, absorvem a prática de preservar a natureza, mesmo que isto não seja um hábito comum do lugar que vieram. Outro exemplo mais claro é a prática da nudez social, que é mais rara nos lugares do que a preservação ambiental; no entanto, através da ideologia naturista, ela também é absorvida pelos freqüentadores.

Porém, apesar dessa absorção de ideologia por parte dos diversos lugares representados pelos freqüentadores, Tambaba não absorve a ideologia deles. Não encontramos, por exemplo, lojas com vários produtos supérfluos, que enchem os olhos do consumidor, mas que não têm utilidade maior que gerar lucro para os fabricantes; tão pouco ver-se a proliferação de bares sujando a praia, exemplos esses, comuns em outros lugares do espaço global.

Sobre a materialidade, a troca muda um pouco de circunstância. Como fornecedor da materialidade tem-se o espaço total, por ser abastardo de toda estrutura que foi citada anteriormente. Nesse caso, os freqüentadores passam de representantes do espaço global para usuários dos dois espaços (global e naturista). É importante enfatizar que apesar do espaço global ser fornecedor da materialidade, também usa da materialidade do espaço naturista, ao contrário da primeira situação, onde não há uso da ideologia capitalista por parte do espaço naturista.

Dessa forma, os dois espaços passam a ter uma relação de troca mútua, à medida que servem de complemento um ao outro para suprir as necessidades dos usuários. Estes, precisam de toda estrutura existente no espaço global para manterem uma vida social nos padrões atuais. Ao passo que também precisam da estrutura do espaço naturista para fugir do caos contemporâneo e buscar um pouco de equilíbrio para seguirem suas vidas, com rotina de trabalho, família, etc.

Constata-se, portanto, uma relação paradoxal, onde ao mesmo tempo em que existe a necessidade de troca entre os lugares, o fator determinante para existência do espaço naturista é a sua resistência à ideologia capitalista. É uma troca fundamentada nas especificidades desse espaço e na dependência que o mesmo tem, do espaço total. A relação entre eles, até o momento da pesquisa, não tem aniquilado a essência da filosofia de vida naturista em Tambaba; é uma relação limitada, alicerçada apenas no que se faz necessário.

CAPÍTULO 3: O NATURISMO COMO CULTURA DE RESISTÊNCIA: CULTURA E TOPOFILIA

A cultura é a identidade de um grupo, seja este a população de um país, a comunidade de uma vila, ou um grupo de amigos. Cada um destes carrega um conjunto de crenças, costumes, símbolos e linguagens próprias, que é repassado de uma geração à outra. Segundo Wagner e Mikeesell, (2003),

A noção de cultura considera não indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além das numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades.

. Uma cultura pode perdurar através da história, ou ser modificada por processos conjunturais. Nela é possível encontrar respostas para fenômenos espaciais e sociais, pois o seu estudo viabiliza a compreensão de disparidades na sociedade global; nos seus modos de vida e suas formas de se relacionar com o meio ambiente. Para os referidos autores, a comunicação, seja lingüística ou através de símbolos, é essencial para a existência de uma cultura:

A cultura resulta da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos [...] Uma cultura pode, certamente, abranger ou sobrepor diversos grupos lingüísticos diferentes, desde que seja mantido algum tipo de equivalência entre os sistemas simbólicos coexistentes; da mesma forma, um grupo lingüístico pode ser dividido entre diversas culturas diferentes. (WAGNER e MIKEESELL, 2003).

Os símbolos são a representação de uma cultura na forma de objetos, linguagem, expressões, comportamento, entre outros; são importantes na identificação dos diferentes grupos culturais, pois podem estar presente em meio a outras culturas, sem perder a significação para aqueles que se utilizam deles como referencial.

A atribuição de significados, inerente à cultura, orienta a ação (quer vista como simbólica ou utilitária) e resulta, desse modo, em expressões concretas como sistemas de crenças, instituições sociais e bens materiais. Portanto, o caráter desses elementos da cultura deve ser amplamente inferido da base de características significativas da comunicação e simbolização – de fórmulas verbais a trajes e gestos – associadas a elas. (WAGNER e MIKEESELL, 2003).

Destarte, pode-se afirmar que os símbolos inerentes ao naturismo mantêm a relação entre os naturistas e possibilitam a manutenção da área cultural. Eles sobrepõem os símbolos do mundo contemporâneo, de maneira que referenciam e perpetuam o naturismo em meio à cultura global. Os símbolos do naturismo podem ser identificados como a nudez

social, os elementos naturais, a preservação do meio ambiente, a busca pelo equilíbrio com a natureza, o respeito mútuo, entre outros costumes comuns ao grupo de naturistas.

O estudo das áreas culturais torna-se essencial para a compreensão da distribuição dos grupos culturais. As áreas culturais podem ser consideradas subespaços do espaço global; com funcionalidade, estrutura e paisagem elaboradas a partir de uma determinada cultura. Porém, uma dada cultura não existe somente em áreas isoladas. Segundo os referidos autores,

Dada a dependência da homogeneidade cultural face à comunicação imediata e à dependência da comunicação, face à contigüidade geográfica ou substitutos técnicos para isso, a “área cultural” implica uma uniformidade relativa em vez de absoluta. A similaridade cultural relativa aparece em diferentes graus, desde identidade virtual de atitudes e aptidões num pequeno território, até semelhanças gerais ou ampla disseminação de características individuais ou elementos da cultura em grandes áreas. (WAGNER e MIKESELL, 2003, p. 32).

A partir dessa observação, entende-se que apesar dos naturistas possuírem um território, que é um espaço sobre a influência de um poder que o influencia (SOUZA, 1995, p. 78), sua área cultural vai além da praia de Tambaba e se dissemina através do vínculo existente entre os naturistas no espaço global. Os encontros regionais, nacionais e internacionais são a constatação da proliferação dessa cultura além das áreas próprias de cada grupo naturista. Além disso, os hábitos diários da prática naturista – a exemplo de alimentação saudável, preservação da natureza, entre outros, são os elementos que identificam essa cultura, mesmo estando fora de suas áreas.

Em outra perspectiva, considerando a importância da cultura nas relações do espaço, é possível afirmar que o naturismo é a cultura que determina a estrutura do espaço e a formação da paisagem de Tambaba. Segundo Corrêa (1997, p. 292-293),

A natureza e o espaço socialmente produzido constituem o ambiente geográfico, que é vivenciado e percebido de formas diferentes em cada grupo social de acordo com renda, sexo, práticas de: trabalho, crenças, mitos, valores e utopias [...] Antes relegada como “território vazio”, a praia só teve valorização no séc. XIX, com a reavaliação dos atributos ambientais que foram considerados saudáveis para o homem.

Compreende-se, portanto, que a cultura pode influenciar diretamente as pessoas ou um grupo no condicionamento da percepção e de valores ambientais. Assim, observa-se que a praia de Tambaba é resultado de uma percepção diferenciada (da massa populacional), influenciada pelo naturismo. Segundo Yi-fu Tuan (1980, p. 91),

O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligados: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha,

necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo.

Na mesma ótica, a topofilia, neologismo que se refere á todos os laços afetivos do meio ambiente material, estuda os extremos das sensações e reações sentidas e exercidas pelo ser humano frente á um determinado ambiente ou objetos:

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscência e o meio de se ganhar a vida. (TUAN,1980, p. 107).

Segundo os relatos na entrevista feita com os naturistas, Tambaba representa para eles uma fuga do caos. O fato de estar isolado do “mundo” e em contato com a natureza, causa uma sensação de paz e liberdade que a conjuntura do mundo contemporâneo não possibilita mais ao ser humano, e pelo contrário, a torna cada vez mais impossível.

Dessa forma, o espaço naturista é para eles um conjunto de materialização e espiritualização, capaz de proporcionar prazeres e bem estar ausentes na vida cotidiana. Os objetos naturais, a exemplo das árvores, falésias, mar, terra, entre outros, são a representação material da essência da vida, da natureza. A contemplação desses objetos e o contato direto com estes é a concretização de se estar vivo, e não apenas estar fazendo parte de um sistema.

Padrões culturais assentados em racionalidades religiosa, etnolingüística e de parentesco, são capazes de estruturarem padrões de comportamento espacial próprios, que obedecem a lógicas específicas, diferentes, essencialmente, daquelas do mercado. (CORRÊA, 1997, p. 298).

A partir da significação que Tambaba tem para os naturistas, nasce a necessidade e o prazer de preservá-la, assim como de respeitar as outras pessoas enquanto ser humano. A valorização do capital, do comércio e das coisas fúteis no mundo contemporâneo, tira a capacidade de reação e percepção das pessoas quanto á importância de preservar o meio ambiente e respeitar o próximo; os valores humanos são substituídos por interesses da hegemonia capitalista.

No espaço naturista, no entanto, os indivíduos se encontram livres dessas imposições e alienações, sendo capazes de perceber a essência da vida e agir de forma consciente com a natureza e com o outro. O resultado se percebe na forma de apropriação do espaço e nas conseqüências benéficas ao meio natural.

A percepção e a prática naturista, porém, se estendem em curta escala para o “mundo externo”. Os naturistas, apesar de serem dotados de consciência ambiental não conseguem aplicar todas as práticas naturistas em sua vida cotidiana. As práticas contemporâneas, subordinadas a ideologia capitalista, sufocam as práticas naturistas; não a ponto de sufocar a filosofia de vida naturista, mas a ponto de anular a capacidade de ir de encontro ao já imposto e mudar totalmente a rotina e o cotidiano da vida moderna e caótica.

3.1 A (DES) PADRONIZAÇÃO CULTURAL E O NATURISMO: EMBATES COMPORTAMENTAIS E ATITUDINAIS

A priori, considerando o Brasil, observa-se que desde os primórdios de sua colonização, o povo foi submetido á imposição de uma cultura vinda de fora. A colonização pelos europeus trouxe ao Brasil Colônia os costumes, as crenças, a linguagem e os símbolos de outra nação, de um povo que sabia quem eram e o que queriam. Esse povo, essa sociedade, possuía uma cultura consolidada em sua história de exploração e dominação econômica mundial; uma cultura que possuía símbolos e linguagens inerentes a seus interesses.

Ao passo que o território foi se transformando em terra produtiva e exportadora - para atender os interesses externos, as pessoas que aqui habitavam e trabalhavam, foram absorvendo um modo de vida carregado de ideologias “alheias”. Em síntese, a “cultura” chegou aqui acoplada ao processo produtivo e comercial. Hoje, não obstante, recebemos de portas abertas uma “renovação” da cultura, também vinda de fora e atrelada ao atual modo de produção e ás novas formas mundiais de comercialização.

Avalia-se que a globalização, discurso com o qual o capitalismo se sobressai mundialmente, tem o papel de difundir a economia e com ela, todos os fatores que servem de estrutura e mola para seu desenvolvimento.

Assim entendida, a “globalização” é um mito. Um fenômeno ideológico nem sempre muito sofisticado, que serve a propósitos variados. No plano editorial, por exemplo, ajuda a vender jornais, revistas e livros superficiais. Nos planos econômico e político, contribui para apanhar países ingênuos e despreparados na malha dos interesses internacionais dominantes. (BATISTA, 1998, p.125)

A idéia de que o mundo é uma aldeia global, é passada com o intuito de persuadir as ações humanas, as vontades e a forma de pensar. Como consequência, as pessoas passam a acreditar que cidadania e inclusão social só são possíveis a partir do uso e desfrute de objetos e simbologias que fazem alusão aos moldes capitalistas.

O capitalismo, por sua vez, unifica e universaliza o mercado, as relações, o consumo e a cultura. O objetivo de tornar mundial a economia das empresas e de manter relações internacionais entre elas de maneira a expandir seus investimentos, já é fato. Agora o capitalismo quer mais; sua hegemonia depende e se sustenta no consumismo e na distorção da cultura, a transformando em mercadoria.

Nesse contexto, Santos (2000, p.48), diz que “o consumo muda de figura ao longo do tempo. Falava-se antes da autonomia da produção (...) Mas atualmente as empresas hegemônicas produzem o consumidor antes de produzirem os produtos”. Dessa forma, os valores culturais vão sendo sufocados por essa demanda de cultura fabricada e vão perdendo lugar no espaço global.

Este “consumidor produzido”, de que fala o referido autor, é fruto da mídia. Com a globalização, é oferecido aos consumidores um leque de produtos supérfluos, que são apresentados como necessários e indispensáveis à vida humana, a exemplo de roupas de grifes famosas, corpos modelados artificialmente, eletrodomésticos pouco duráveis, acessórios simbólicos da ideologia capitalista, alimentos prejudiciais à saúde, entre outros. No naturismo, não cabem tais valores:

Nós, naturistas, temos a preocupação com o corpo sim, mas não nos autoflagelamos tomando anabolizantes e tornando-se anorexicos. O movimento naturista nos ensina a nos auto-aceitar. Sabemos que a perfeição física não existe, o que existe é um corpo que deve ser respeitado e valorizado de qualquer forma. A essa mídia que cria estereótipo, nos cabe combater. Sabemos que não é fácil, pois as tendências é que a cada dia os padrões criados por ela sejam os mais desejados. Entretanto, nós somos naturistas, somos felizes com nosso corpo, em meio à natureza e aos demais; e isso nos basta. (MORESCHI, 2008, p. 05).

Além do que já foi colocado, o espaço e as paisagens ganham outra forma. Os objetos contidos no espaço, as construções erguidas ou remodeladas, refletem a uniformização dos costumes, sua tendência e suas conseqüências, como relata Santos (2000, p. 51):

Até a 2ª guerra, tínhamos em torno de nós alguns objetos, os quais comandávamos. Hoje, uma multidão de objetos querendo nos comandar [...] e são objetos carregando uma ideologia que lhes é entregue pelos homens do marketing e do design aos homens do mercado. [...] E esse império de objetos tem um papel relevante na produção desse novo homem apequenado que estamos todos ameaçados a ser.

As conseqüências são várias; além da desvalorização do ser humano, que é visto e considerado apenas como um mero consumidor, a natureza sofre diretamente impactos desse processo. A degradação ambiental e seus efeitos nocivos ao homem e ao planeta são fatos conhecidos pela sociedade. Porém, apesar de todas as informações e programas de

conscientização, o apelo do capitalismo ainda continua sendo mais forte, e o que era para ser prioridade, fica em segundo plano.

Observa-se que a maioria das empresas ainda prefere o lucro em demasia, a respeitar normas de políticas ambientais. O consumidor adere ao uso de produtos que agridem a natureza e enquanto cidadão do mundo não cumpre o seu dever de preservar o que é seu de direito.

Cenário comum de degradação são as praias, onde se pode presenciar vários fatos, a exemplo de lixo jogado pelos banhistas, esgotos de condomínios que caem no mar, proliferação do comércio que modifica a paisagem natural e intensifica a agressão aos recursos naturais, entre outros. Santos (1994, p. 44) resume esse fenômeno:

Senhor do mundo, patrão da natureza, o homem se utiliza do saber científico e das invenções tecnológicas sem aquele senso de medida que caracterizará as suas primeiras relações com o entorno natural. O resultado, estamos vendo, é dramático.

A praia de Tambaba, enquanto espaço naturista, se mostra-se como contraponto dessa realidade, ao passo que é espaço de relações entre homem e natureza, mas não sofre esse processo de degradação pela ação humana na mesma intensidade que outras praias (figura 13). Considerando as características físicas no tocante à distância do centro urbano e acesso restrito por meio de transportes populares, outras praias vizinhas a Tambaba a exemplo da praia de Coqueirinho, também têm um fluxo pequeno de freqüentadores, porém, não apresentam os mesmos sinais de preservação por parte dos mesmos; além de possuírem ainda que em baixa escala, comércio de bares, restaurantes e pousadas.



FIGURA 13: PLACA DE CONSCIENTIZAÇÃO: PRESERVE A NATUREZA/ NÃO SUJE SUA PRAIA. Suana Medeiros, 2008.

Decerto que a praia naturista não é um espaço isento totalmente do capitalismo ou é freqüentado apenas por pessoas avessas ao sistema; pois a fuga do caos - estabelecido nas cidades, condiz até mesmo àqueles que concordam com os princípios hegemônicos, mas em certos momentos sentem a necessidade de fugir das práticas mecanizadas e padronizadas do dia-a-dia.

No tocante à isenção, não há como criar um “isolante” desse sistema, uma vez que se está inserido em um único espaço. Até em espaços alternativos como este, que não é organizado em função da economia, o capitalismo se introduz sutil ou severamente em hábitos e necessidades básicas, levando à uma conformidade inconsciente e convergente à ideologia deste modo de produção. Santos (1994, p. 30) diz que “é o espaço inteiro que se mundializou, e já não existe um único ponto do globo que se possa considerar isolado”.

Porém, é coerente e crucial definir o naturismo aqui, como uma cultura de resistência ao capitalismo, porque é um modo de vida que busca o equilíbrio entre a mente e o corpo; a comunhão com a natureza através da nudez social, do respeito ao meio ambiente e às outras pessoas. Não há, portanto, culto à beleza artificial, aceitação dos padrões estéticos impostos pela mídia, nem organização do espaço de acordo com o capitalismo. Todas essas características, sabe-se, são contrárias ao mesmo, ao capitalismo.

Como já foi dito no primeiro capítulo, para os naturistas os primeiros brasileiros a praticarem o naturismo foram os índios, pois andavam nus sem preocupar-se com o olhar crítico de outras pessoas e viviam em comunhão entre si e com a natureza. Assim como a cultura indígena foi e é sufocada por modos de produção e pela busca do homem por riquezas, o naturismo contemporâneo sobrevive em meio a um mundo globalizado, onde as culturas tendem a se massificar.

Contudo, apesar de no naturismo brasileiro, prevalecer a referência indígena, há diferenças entre ela e o naturismo mundial. Não há como afirmar que o naturismo é uma continuação da cultura indígena, uma vez que os índios foram invadidos por uma cultura totalmente diferente dos seus modos de vida; e o naturismo é uma forma de resistir e se rebelar contra um sistema que vem sendo imposto ao longo de uma história, através de um processo econômico e social.

As semelhanças entre as duas culturas (índios e naturistas) existem e se encontram em sua essência, não se pode negar a raiz indígena arraigada no povo brasileiro. Porém, a história é diferente para ambas as partes, se distanciando em suas realidades e convergindo

no que diz respeito à vitimização por um sistema, mesmo que em maneiras e escalas diferentes.

Observa-se que o naturismo iniciado no pós-segunda guerra mundial, surgiu como um grito de anarquismo, que objetivava declarar a liberdade de escolhas. Dessa forma, o naturismo é fruto da disputa entre sistemas econômicos na busca pelo poder hegemônico. A nudez agride a ordem social mundial e brasileira; e junto com os hábitos alimentares propostos pelo naturismo, não condizem com a corrida para o desenvolvimento econômico almejado pelos países e pelas correntes políticas.

O surgimento do naturismo foi uma reação à onda de imposições que tomava o mundo naquela época; e o surgimento da cultura indígena foi natural, eles nasceram e cresceram nela. Este é um fator relevante para compreender porque o naturismo não é independente do capitalismo. Até mesmo os índios, que tinham modo de vida próprio, foram obrigados a se habituarem a cultura estrangeira, imposta a eles pelos colonizadores. O que se dizer então dos naturistas, que nasceram e cresceram numa cultura onde o espaço e as relações são subordinados a economia?

Desconsiderando a idade da pedra e as antigas civilizações, os seres humanos (com exceção dos índios) não possuíam modos de vida que fugisse à regra do desenvolvimento econômico. Sempre houve uma busca constante pela acumulação de riquezas, mesmo antes de se usar os termos “capitalismo”, “lucro” e “progresso”. Várias e várias gerações nasceram e morreram em um mundo disputado, ganancioso e formado por elementos que simbolizam o dinheiro.

Destarte, como o homem é produto do meio, ainda que se rebele contra o sistema, é subordinado material e psicologicamente por este; não sendo, portanto, capaz de reproduzir um espaço de vivência e produção, separado em sua totalidade dos modos nos quais cresceu e se desenvolveu. O naturismo é um melhoramento da vida humana em meio ao caos social, promovido pelas disputas econômicas e políticas ao longo da história.

Ser naturista em Tambaba é no mínimo não contribuir e/ou compartilhar constantemente com a desumanização viciosa do capitalismo. O ato de trabalhar para empresas capitalistas, consumir, usufruir os atrativos e facilidades da globalização, faz de todo cidadão um contribuinte do sistema, ainda que este não exerça a totalidade das ações ou se beneficie de todos os serviços oferecidos.

Desta forma, naturistas e/ou simpatizantes não têm possibilidades de boicotar o sistema, pois não produzem as próprias mercadorias e serviços. Têm ao seu alcance

apenas o poder de se manifestar contra, através de práticas naturistas que, dependendo do nível de conscientização ambiental e aversão ao capitalismo, vai do nudismo a hábitos saudáveis de alimentação e cuidados com a conservação e a preservação do ambiente.

3.2 O POTENCIAL TURÍSTICO DE TAMBABA E A FILOSOFIA NATURISTA: INTERESSES DIVERGENTES

Um ponto importante a abordar-se sobre o naturismo é a questão do turismo. As praias de naturismo - inclusive Tambaba, são vistas como um lugar turístico por suas belezas naturais e pela cultura diferenciada. Contrariamente à ideologia naturista, são vendidas pelo capitalismo como paraísos turísticos. A questão está no fato da “coisificação” da natureza, comercializada para uso e desfrute das “necessidades” pessoais dos turistas. Segundo Rodrigues (1999, p. 55),

Enquanto a “indústria do turismo” articula a produção e consumo de um dado espaço, os “serviços” fluem por este mesmo espaço, mundializado e/ou globalizado, pois as informações sobre os lugares de “amenidades”, os lugares exóticos, os da materialidade histórica, circulam através dos serviços – correio, telex – projectos, fotografias, jornais, revistas, e de forma cada vez mais atuante pelo noticiário das caixinhas domésticas (a TV). [...] Cria-se e (re)recria-se a “sacralização da natureza”, ou sacralização da história, materializada no espaço, como o espaço privilegiado do turismo.

Considerando a filosofia de vida naturista e o caráter que o turismo dá aos lugares, observa-se que o turismo do qual falamos aqui, pouco tem a ver com o naturismo. Para os naturistas de Tambaba, a exposição da praia é importante para a valorização e o fortalecimento do lugar enquanto praia naturista. Porém, para os órgãos municipais, estaduais e até nacionais, a praia é vista como uma mercadoria turística. Segundo os naturistas, o Congresso Internacional de Naturismo foi um marco importante para o naturismo em Tambaba:

De acordo com o presidente da Federação Brasileira de Naturistas, Elias Alves Pereira, o congresso tem por objetivo divulgar a filosofia naturista no Brasil, mostrando à sociedade que aderir ao naturismo é um estilo de vida saudável às pessoas. [...] “Nós queremos mostrar que a cada dia o número de naturistas cresce no mundo e, conseqüentemente, no Brasil e Paraíba. O congresso serve para mostrar que ser naturista é respeitar a natureza através da preservação do meio ambiente [...]”. (HONORATO, 2008)

Por outro lado, a importância do Congresso muda de sentido para os órgãos do turismo local:

“Hoje Tambaba ainda é desconhecida na Europa e Estados Unidos. Mas todos os turistas que vierem ao congresso farão a propaganda das belezas paraibanas nos países de origem e associações espalhadas pelo mundo”, declarou George Volak. O secretário de Turismo da Paraíba, Roberto Braga. (HONORATO, 2008).

Até o final dessa pesquisa, a praia de Tambaba não apresenta marcas de degradação causadas pelo turismo. Apesar de já possuir uma estrutura que permite o acesso a qualquer tipo de transporte e ser conhecida regional e nacionalmente, o fluxo de turistas é menor que o fluxo de adeptos do naturismo. Isso acaba sendo um fator positivo para a praia, pois acarreta numa maior preservação do lugar.

3.3 APA DE TAMBABA: UMA LIMITAÇÃO NA EXPANSÃO COMERCIAL E NA EXPLORAÇÃO TURÍSTICA

A consciência ambiental e a prática da preservação pelos naturistas trouxeram um grande benefício ambiental à praia de Tambaba e áreas adjacentes; conseqüentemente, ao meio ambiente como um todo: a Área de Proteção Ambiental – APA de Tambaba. Trata-se de uma unidade de uso sustentável criada com o objetivo de preservar os ecossistemas do litoral sul paraibano, tendo em vista a modificação das paisagens naturais provocadas pela rápida expansão urbana e pela especulação imobiliária.

Segundo o Ministério Público do Estado da Paraíba, a APA de Tambaba foi criada em 26 de Março do ano de 2002, através do Decreto Estadual nº 22.882, englobando uma área de 3.270 hectares. Em agosto de 2005, através do Decreto nº 26.296 a área de abrangência da APA foi ampliada para 11.320 hectares (figura 14).



FIGURA 14: PLACA DE INDICAÇÃO DA APA DE TAMBABA: ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE TAMBABA
Suana Medeiros, 2008.

Almeida (2006, p. 53-54), em sua *Proposta de Zoneamento Ecológico Econômico para APA de Tambaba*, relata que a princípio, a SUDEMA realizou estudos na região com o interesse de criar uma Unidade de Conservação, mas que a primeira ação efetiva para tornar essa proposta possível partiu da Sociedade Naturista de Tambaba – SONATA. A mesma mobilizou a comunidade naturista e protocolou junto a SUDEMA em 07/06/2001, uma solicitação para criação do Parque Estadual de Tambaba, através do processo nº 1.507/2001; a APA foi criada no ano seguinte:

Considerando a importância ecológica dessa área, e a necessidade de proteger a cobertura vegetal, as espécies botânicas endêmicas e a fauna existente, a Área de Proteção Ambiental – APA de Tambaba foi criada [...] sendo administrada pela SUDEMA/ PB. (ALMEIDA, 2006, p. 54).

Segundo a referida autora, a APA garante a preservação, estabelecendo normas e restrições para uso do solo, e assegurando o direito da propriedade particular. A APA de Tambaba abrange parte da microrregião do litoral sul do estado da Paraíba entre os municípios de Conde, Alhandra e Pitimbu. Encontram-se inseridas na APA as praias de Tabatinga, Coqueirinho, Tambaba, Graú e praia Bela e as localidades de Mata da Chica, Garapaú, Andreza, Roncador e Mucatu.

Sendo assim, a APA de Tambaba torna-se uma limitação no que diz respeito à exploração do potencial turístico de sua área. Tomamos como exemplo o planejamento da PRODETUR/NE. Segundo o Banco do Nordeste, o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE), é um programa de crédito para o setor público (Estados e Municípios) criado para gerar condições favoráveis à expansão e melhoramento da atividade turística na Região Nordeste, outrossim, para melhorar a qualidade de vida das populações residentes nas áreas beneficiadas.

O programa foi desenvolvido a partir de estudos encomendados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no começo da década de 90, para se identificar as atividades econômicas que apresentariam vantagens competitivas caso desenvolvidas na região Nordeste. A conclusão desses estudos identificou que uma das oportunidades mais viáveis para a região era o **Turismo**, pelo fato da Região Nordeste apresentar recursos cênicos e culturais significativos, além de mão-de-obra em abundância e com custos relativamente baixos. (BANCO DO NORDESTE, 2008)

Em 2004, foi elaborado pela PRODETUR/NE, o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) do Pólo Costa das Piscinas, área que abrange os municípios de Pitimbu, Conde, João Pessoa, Cabedelo e Bayeux. Neste plano, em análise das potencialidades turísticas, o naturismo de Tambaba é definido como um “produto diferenciado” a ser oferecido aos turistas; indo, portanto, de encontro ao significado do naturismo para os adeptos, já discutido no tópico anterior.

II - PRODUTOS, COMPONENTES E ROTEIROS TURÍSTICOS

	Potencialidades	Fraquezas
CONTEXTOS EXTERNO e CONTEXTOS INTERNO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Boa composição dos produtos do espaço receptivo central: Hotéis / áreas de lazer diurno (praias, Areia Vermelha, Jacaré) / Roteiros (Cabo Branco, Centro Histórico e Delta do Parnaíba) / Lazer noturno (bares e restaurantes no entorno do hotel Tambaú) ▪ Um produto diferenciado: o naturismo de Tambaba ▪ Destino turístico caracterizado por baixos índices de violência 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Grau deficiente de qualificação e organização dos principais componentes do espaço receptivo tradicional ▪ Deterioração avançada do espaço receptivo de Pitimbú ▪ Reduzida e pouco diversificada composição de produtos e roteiros turísticos do Pólo ▪ Carência de equipamentos turísticos geradores de demanda
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Valorização crescente, no mercado turístico nacional, de destinos com baixos índices de violência ▪ Principais destinos concorrentes do NE (BA, PE, CE), com maiores índices de violência ▪ Valorização de novos produtos para Segmentos emergentes do mercado ▪ O Pólo Costa das Piscinas é ainda pouco conhecido 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Requalificar e organizar os componentes do espaço receptivo tradicional do Pólo, com Tambaú, Jacaré, Areia Vermelha e Cabo Branco.
Riscos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolver produtos diferenciados que singularizem o destino ▪ Tomar o Pólo, destino complementar aos destinos mais próximos do Nordeste: PE e RN. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Articular e apoiar a oferta de equipamentos turísticos de grande porte geradores de demanda (Marina, golf, parque temático, centro de convenções). ▪ Reestruturar o espaço receptivo de Pitimbú.

(Fonte: BANCO DO NORDESTE, 2008)

Compreende-se que para a PRODETUR/NE – e provavelmente para os órgãos de turismo municipal, a praia de Tambaba é um potencial turístico pouco explorado, que precisa de estratégias para que essa exploração seja possível e rentável. Contudo, “o produto” - termo usado para o naturismo, não está à venda, segundo sua própria filosofia;

segundo os idealizadores daquele espaço e os seus freqüentadores. Há um impasse nos interesses das duas partes. De um lado, Tambaba significa uma oportunidade de lucro, por oferecer aos turistas uma novidade de lazer. Por outro lado, a praia significa um espaço de equilíbrio e oportunidade de desligamento aos seus freqüentadores, onde podem se afastar por momentos, das relações comerciais e caóticas do espaço global. Contudo, julga-se estar havendo um desperdício do “produto”, como mostra o quadro a seguir:

II – Dos Produtos Turísticos Atuais
<ul style="list-style-type: none"> ▪ O já tradicional produto de naturismo ofertado na praia de Tambaba, pelo toque de singularidade que confere à imagem do destino.[...].
<ul style="list-style-type: none"> • Limitações e Deficiências <p>O Naturismo. Insipiência do marketing promocional negligencia uma fatia de mercado em alta.</p>

Fonte: BANCO DO NORDESTE, 2008.

Não obstante a sua finalidade, a APA de Tambaba, se caracteriza no PDITS como motivo para o atraso na urbanização da área, e conseqüentemente, na oferta de infraestrutura para o turismo:

- **Orla de Tambaba** – o processo de urbanização é lento. Trata-se de uma praia reservada aos praticantes do naturismo. Com a criação da APA de Tambaba, **ficou proibida a instalação de qualquer empreendimento ou atividade que não esteja de acordo com a filosofia naturista.** Acesso principal em via pavimentada (PB 008). (BANCO DO NORDESTE, 2008).

Podemos constatar que a APA de Tambaba (iniciativa da SONATA) concerne à forma de como o meio ambiente é visto e tratado pela cultura naturista. Contudo, como discutido nos capítulos anteriores, a valorização e a gestão ambiental existentes no espaço global, são sufocadas pela ideologia capitalista. Apesar da consciência e atitudes de determinadas pessoas ou grupos, o que prevalece ainda, é o descaso e a agressão ao meio ambiente, por interesses econômicos, ou por falta de consciência ambiental.

Exemplo disso é a tentativa de burlar a lei da APA de Tambaba. Em uma das áreas preservadas, nas imediações da praia naturista, está sendo elaborado um projeto para construção de um *resort* de luxo, que será gerador de lucro para empresas e para a cidade, já que irá atrair turistas que não são adeptos de hospedagem rústica (figura 15), como a que encontramos em Tambaba. Apesar de os naturistas da SONATA e outras pessoas que defendem a preservação do local, argumentarem e protestarem contra a construção, em assembléia na câmara dos vereadores do município do Conde, não foi obtido sucesso.



FIGURA 15: POUSADA NA ÁREA DE NUDISMO – TAMBABA
Suana Medeiros, 2008.

Os interessados na construção, inclusive os gestores da cidade, consideram o *resort* um empreendimento necessário e indispensável para o progresso local. Eles argumentam que a cidade não pertence aos naturistas e que será feito o que for preciso para o seu desenvolvimento. Além do mais, a área escolhida para a construção já era privada antes da criação da APA, o que permite o uso “sustentável” da mesma.

Dessa forma, observa-se que a globalização, além de sufocar costumes regionais, distorce os princípios de uma sociedade, que passa a valorizar recursos materiais e desvalorizar os naturais. Os interesses capitalistas são os maiores responsáveis pelas mudanças políticas, sociais e ambientais. Responsáveis pelas conseqüências desastrosas que a busca exacerbada pelo progresso tem causado ao meio ambiente, mesmo quando este se encontra sob “proteção da lei”.

CAPÍTULO 4: PAISAGEM CULTURAL DE TAMBABA

Entre as mudanças pelas quais passou o pensamento geográfico ao longo da história, a aceitação da Geografia Cultural como uma subdivisão da Geografia marca uma mudança na delimitação dos objetos de estudo dessa ciência. A necessidade de compreender a ação humana sobre o espaço levou os geógrafos a voltarem seus olhares para os objetos que compunham o espaço já modificado, resultado da relação homem-natureza. Porém, essa corrente passou por vários processos de discussão e aceitação até chegar ao nível de estudo atual.

Observa-se que as controvérsias sempre presentes na Geografia impedem a unificação dos campos em relação a objetos de estudos e metodologia. Segundo Sauer (2003, p. 19-20) a geografia se divide em dois grupos que se formaram nos primórdios da geografia moderna e se intensifica nesse século: o primeiro denominado de Geografia Humana, se interessa pela relação do homem com seu meio, no sentido de adaptação; o segundo chamado de Geografia Cultural se interessa pelos elementos da cultura material que dão especificidade à área. Em meio a estas discussões, no século XX, Friedrich Ratzel teve grande importância com sua obra *Antropogeographie*. Nela, foi criada a base conceitual que estrutura a Geografia Humana desde então: “um conjunto de categorias do meio físico e sua influencia sobre o homem”.

A partir daí, Ratzel foi convertido em “grande apóstolo do ambientalismo”, não tendo, porém, a concordância dos seus seguidores, que não deram importância aos seus estudos sobre mobilidade populacional, assentamento humano e difusão da cultura. Na França, o ambientalismo de Ratzel deu lugar ao *possibilismo* de Vidal de la Blache; em contrapartida, nos Estados Unidos o estudo do meio físico tornou-se identidade do geógrafo e a Geografia Humana teve um rápido desenvolvimento e coroamento com o discurso do presidente da *Association of American Geographers*, H. H. Barrows, que defendeu a elaboração da disciplina exclusivamente na adaptação do homem ao meio. Em síntese, as divergências continuaram e existem os que defendem essa base ambientalista e os que a criticam por questões metodológicas, a exemplo da falta de fatos para objetos de estudo. Dessa forma, o outro grupo segue com o objetivo “não de ser uma nova ciência, mas de atualizar as idéias tradicionais”. Para Sauer (2003, p. 21-22), “a Geografia Cultural é apenas um capítulo da geografia no seu sentido amplo e sempre o último capítulo (...) se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica”.

A “expressão característica” citada por Sauer é reproduzida por uma dada cultura que dá especificidades à área que abrange. Neste sentido, a praia de Tambaba que possui características próprias, adquiridas com a ação do homem de acordo com o naturismo, é objeto de análise dessa geografia, de acordo com suas temáticas de estudo. Segundo Corrêa (1997, p. 288), dentre as várias obras e pesquisas, a geografia cultural de ampla temática foi reunida em quatro temas maiores: *a análise da paisagem cultural, a história da cultura no espaço, as áreas culturais e a ecologia cultural.*

Considerando o caráter cultural do espaço naturista, os quatro temas citados acima cabem indiscutivelmente como objetos de análise desse espaço: 1) a paisagem de Tambaba é atípica de praias visitadas frequentemente, possuindo aspectos criados e mantidos através do naturismo; 2) por meio da história do naturismo na praia de Tambaba, é possível compreender o funcionalismo do seu espaço; 3) o naturismo predomina em certa área que envolve a praia de Tambaba e suas ações e influência se estendem por seu entorno, quanto à questão da iniciativa da preservação ambiental.

Finalmente (4), e de muita importância, todos esses temas que envolvem cultura estão relacionados à maneira como o homem percebe o meio em que vive e conseqüentemente, age sobre o ele. O naturismo desenvolve no indivíduo uma percepção de valor ao meio ambiente, resultando na ação protetora e conservadora que modela a paisagem e mantém o espaço.

4.1 SOBRE A PAISAGEM

A paisagem, além de ser objeto de contemplação e atuação em outras ciências, na geografia é categoria importante para estudo e compreensão do espaço, pois representa uma fração do mesmo. Muitos autores a definem como uma fotografia, uma parte estática do espaço; porém, a paisagem significa muito mais que isso, uma vez que é a representação mais imediata e próxima que podemos ter de um determinado lugar. Para Santos (1994, p. 26),

Tudo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. [...] A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, é o que chega aos sentidos. Por isso o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão...

Dessa forma, nota-se que o papel da paisagem na percepção de um dado espaço é essencial. Fazendo-se uma analogia do que ela representa para a Geografia, imagina-se que o espaço é um grande texto, contendo várias informações importantes e que, no

momento, não temos o tempo nem a condição suficientes para lê-lo. Então, instantaneamente, passamos a vista pelo texto e selecionamos o que podemos naquele momento.

As palavras e/ou frases que conseguimos abarcar, são a representação de todas as informações contidas no texto; e a partir delas, conseguimos ter uma noção do que ele fala. Ainda de acordo com Santos (1994, p. 62), “a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão (...) nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado”. Destarte, essas representações que capturamos *a priori*, tornam-se codificações, que são decifradas a partir do conhecimento que já temos a respeito do assunto, neste caso, do conhecimento que temos do espaço global, fundamentado na ciência geográfica.

Segundo o referido autor, a paisagem há um tempo atrás foi para muitos, objeto de estudo da geografia, e outros até consideravam como sinônimos, paisagem e região. Não se tratava de uma comparação entre as duas categorias, mas de uma semelhança ente os fatores formadores das duas:

A teoria de Vidal de la Blache concebia o homem como hóspede antigo de vários pontos da superfície [...] as atividades criadas se mantinham durante um longo período, dando a impressão de imobilidade. Daí a idéia de que a paisagem, criada em função de um modo produtivo duradouro, devia confundir-se com a região, isto é, área de ação do grupo interessado. (SANTOS, 1994, p. 63)

Considerando a citação acima e a compreensão de paisagem que tem-se, deve-se atentar para a importância que o modo de produção tem na sua modelação. Todos os objetos constituintes de uma paisagem que foram construídos pelo ser humano, fazem parte de uma estrutura (sistema de objetos) e nesta estrutura existe uma relação entre eles que dá sentido a cada um. Este sentido, geralmente, diz respeito à utilidade que têm nos meios de geração de renda e lucro locais. De acordo com Santos (1994, p.66),

A relação entre paisagem e produção está em que cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho. Se os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo direto da produção, isto é, à produção propriamente dita, também o estão à circulação, distribuição e consumo (...) A paisagem se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências do espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes.

No caso do capitalismo, um sistema de objetos vai refletir a produção, as formas de captação de lucro e ainda os padrões culturais capitalistas, que são visivelmente claros. Dessa forma, através da paisagem é possível enxergar qual modo de produção é responsável pela produção daquele espaço. Por outro lado, através da paisagem também é

possível enxergar a ausência desse modo na construção do espaço, ou o grau de influencia desse modo sobre ele.

As paisagens praianas brasileiras são retratos intrínsecos do capitalismo: hotéis, pousadas, restaurantes, lojas de roupas e acessórios, entre outros. Todos os objetos citados são construídos para geração de lucro; seja pelos proprietários dessas empresas, seja pelos órgãos de turismo. Todos fazem parte de um mesmo sistema produtivo e conseqüentemente, usam as mesmas técnicas para obtenção de lucro.

Contudo, como o espaço global não é homogêneo, não se pode dizer que todos os subespaços seguem um mesmo padrão. No caso das praias, as características ditas acima também condizem com as praias nordestinas e paraibanas; porém, há exceções. A praia de Tambaba não possui uma paisagem que caracteriza em suma o modo de produção capitalista. Evidente que é possível encontrar objetos inerentes a esse modo, mas eles não configuram a praia como um espaço de geração de lucro.

Carl Sauer, pai da geografia cultural, propôs dois tipos de paisagem, a natural e a artificial, dizendo que a medida que o homem se defronta com a natureza, há entre os dois uma relação cultural, que é também política, técnica etc. é a marca do homem sobre a natureza, chamada de socialização por Marx (...) A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. (SANTOS, 1994, p. 64)

De acordo com essa afirmação, não podemos dizer que Tambaba possui uma paisagem natural, pois já foi modificada pelo homem. Podendo-se sim dizer, que sua paisagem artificial não se assemelha as outras paisagens artificiais produzidas em praias da região. Ao passo que em diversas praias locais, o único resquício natural que existe é a própria praia (areia, e mar), em Tambaba, a maioria dos elementos naturais permanece preservada, a exemplo da vegetação e das rochas (figuras 16, 17 e 18).



FIGURA 16: PAISAGEM DE TAMBABA
Suana Medeiros, 2008.



FIGURA 17: VISTA AÉREA DE TAMBABA
Fonte: Viajeaqui, 2009.



FIGURA 18: VISÃO PANORÂMICA DE TAMBABA
Fonte: baixaki, 2009.

A marca do homem deixada em Tambaba até os dias atuais condiz com uma relação de respeito á natureza, que existe na filosofia de vida naturista. A paisagem de Tambaba retrata exatamente a realidade daquele espaço: um lugar voltado para a prática do naturismo pela maioria dos freqüentadores, para o lazer de outros e sobrevivência econômica de alguns. Outrossim, a paisagem retrata a ausência dos padrões culturais capitalistas e de técnicas produtivas para geração de lucro.

4.2 PAISAGEM CULTURAL – PAISAGEM ALTERNATIVA: O CASO DE TAMBABA.

Partindo da definição de paisagem e da influência que a cultura exerce sobre as ações de um grupo, passamos á análise da paisagem cultural - um dos temas da geografia cultural. A paisagem cultural é, por conseguinte, a paisagem natural transformada em artificial através da cultura que exerce influência sobre um grupo de pessoas ou sobre uma sociedade. Nessa linha de pensamento, Sauer (1998, p. 59) diz que “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado”.

Considerando a afirmativa do referido autor e usando-a para análise do objeto de estudo, pode-se, de antemão, classificar o naturismo como *o agente*, a praia de Tambaba como *o meio* e subseqüentemente, a paisagem cultural de Tambaba, como *o resultado* dessa soma ou dessa relação. Como já foi discutido anteriormente, o naturismo é fator

determinante no espaço de Tambaba, e isto implica na sua importância na modelação da paisagem, estando claro nela, a influência da filosofia naturista.

Cosgrove (1998, p. 102), diz que “qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura, apesar dessa transformação poder não estar sempre visível, especialmente para um estrangeiro”. Exemplo disso em Tambaba, é que sua paisagem possui uma predominância de formas naturais e poucos elementos artificiais; e isto pode dificultar a identificação da cultura determinante (o naturismo) para aqueles que não conhecem o naturismo e/ou Tambaba como praia naturista.

Ainda segundo Cosgrove (1998, p. 103), “o significado cultural é introduzido no objeto e também pode ligá-lo a outros objetos aparentemente não relacionados a ele na natureza”. Tomando-se a nudez em Tambaba como um objeto (abstrato, por não ser palpável como os objetos citados até aqui), observamos que ela é um objeto natural transformado em cultural, a partir do momento em que é usada pelo naturismo como uma forma de estar em comunhão com a natureza. Este é o significado da nudez em Tambaba, e é isto que a transforma de natural em objeto cultural. Outrossim, é este significado atribuído a ela, que a relaciona com todos os outros objetos naturais da praia, que simbolizam o naturismo.

Decerto, que para analisar a paisagem cultural se faz necessário discutir sobre as diversas formas de culturas, das mais visíveis às menos visíveis no espaço. Sem esquecer que tais culturas se expressam através das paisagens e que as mais visíveis, são decorrentes da hegemonia cultural capitalista, discutida anteriormente. Temos, portanto, dois tipos de cultura, que Cosgrove denomina de *cultura dominante* e *cultura subdominante ou alternativa*:

Por definição, cultura dominante é a de um grupo com poder sobre outros. Quando falo em poder não quero me referir apenas ao sentido limitado de um grupo executivo ou de governo em particular, mas precisamente ao grupo ou classe cuja dominação sobre outros está baseada objetivamente no controle dos meios de vida: terra, capital, matérias-primas e força de trabalho [...] seu poder é mantido e reproduzido, até um ponto consideravelmente importante, por sua capacidade de projetar e comunicar, por quaisquer meios disponíveis e através de todos os outros níveis e divisões sociais, uma imagem do mundo consoante com sua própria experiência e ter essa imagem aceita como reflexo verdadeiro da realidade de cada um. Este é o significado da ideologia. (COSGROVE, 1998, p. 111-112).

Sobre a *cultura alternativa* ele afirma:

Por sua natureza, as culturas alternativas são menos visíveis na paisagem do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, pode parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa [...] mas, por mais dominante localmente que possa ser uma

cultura alternativa, ela continua subdominante a cultura nacional oficial. (COSGROVE, 1998p. 116-117).

De acordo com a visão do referido autor, pode-se afirmar que o naturismo é uma cultura alternativa e que, embora exerça dominação sobre a área de Tambaba, a cultura capitalista se sobressai sobre ele e faz parte da vida do grupo naturista, ainda que os indivíduos deste grupo resistam às suas formas de dominação. Estas formas de dominação vão do incentivo ao consumo exacerbado à modelação das paisagens, como estamos discutindo aqui.

Contudo, apesar dessa divisão e classificação, o estudo e análise das culturas vão além. A cultura dominante (ideologia capitalista) é uma só e a globalização tem a “missão” de disseminá-la cada dia mais. Ao passo que a cultura alternativa é dividida por si só, em várias. Destarte, o referido autor a dividiu e classificou em três: *residuais*, *emergentes* e *excluídas*. Estas culturas alternativas produzem, de acordo com suas especificidades, paisagens diferenciadas, as paisagens culturais alternativas, pouco visíveis no espaço.

As culturas alternativas *residuais* são uma espécie de relíquias históricas e seus significados são supostos por estudiosos que utilizam sua própria cultura para analisá-los. As culturas alternativas *excluídas* correspondem aos diversos grupos excluídos da sociedade, a exemplo destes citados pelo autor: ciganos, gangs de rua, mendigos, etc. As paisagens alternativas emergentes, a qual iremos nos ater para análise do objeto de estudo, é definida pelo autor da seguinte forma:

As culturas emergentes são de muitos tipos, sendo algumas muito transitórias e com impacto permanente relativamente pequeno sobre a paisagem [...] contudo, todas têm sua própria geografia e seus próprios sistemas simbólicos. **Está na natureza de uma cultura emergente oferecer um desafio a cultura dominante existente, uma visão de futuros alternativos possíveis.** (COSGROVE, 1998, p.119. Grifo nosso).

Nos capítulos anteriores, foi discutido o caráter ideológico do espaço de Tambaba, considerando a filosofia de vida naturista como determinante para sua construção e funcionalismo. Agora, diante dessa definição de *paisagens emergentes*, reiteramos essa condição ideológica do espaço naturista e acrescentamos a afirmação de que sua paisagem cultural pode e deve ser lida como uma *paisagem alternativa emergente*.

Contudo, no tocante a afirmação do autor sobre algumas das culturas emergentes serem muito transitórias e o seu impacto permanente na paisagem ser pouco, podemos afirmar que o naturismo - em Tambaba, não se encaixa nessa característica. Prova disso, é o tempo de permanência que a paisagem de Tambaba possui. Há 18 (dezoito) anos, desde sua oficialização (em 1991) como praia de naturismo, Tambaba manteve uma paisagem

predominantemente natural: os objetos artificiais nunca se proliferaram e os objetos naturais foram preservados. Além disso, os símbolos presentes na sua paisagem, citados anteriormente, permanecem nos dias atuais, disseminando e codificando a filosofia naturista.



FIGURA 19: ALGUNS SÍMBOLOS DA PAISAGEM CULTURAL DE TAMBABA
Suana Medeiros, 2008.

A relação de reação e de resistência com o espaço global, quanto à dominação pela hegemonia cultural, discutida em outros capítulos, entra em concordância com o “desafio que a cultura emergente oferece a cultura dominante”, segundo o referido autor. A paisagem cultural de Tambaba reflete a ideologia e a crença de que o ser humano ainda não foi totalmente “corrompido” pelo capitalismo. Reflete a necessidade da comunhão com a natureza e do equilíbrio entre a mente e o corpo; e a possibilidade disso tudo em meio à materialização da natureza, do ser humano e da cultura.



FIGURA 20: CHUVEIRO – OBJETO DA PAISAGEM CULTURAL DE TAMBABA
Suana Medeiros, 2008.

A paisagem alternativa do naturismo representa outro mundo possível, voltado para o que é natural do ser humano e que foi comprado, esquecido e sufocado pelo mundo contemporâneo - que é a sua necessidade de estar em comunhão com a natureza. Pode ser uma visão utópica, se considerarmos a conjuntura político-econômica atual e a intensidade das mudanças sócio-culturais; porém, a simbologia da paisagem não é destoante a realidade humana. Embora essa paisagem alternativa/ naturista, não tenha lugar nem sentido no mundo atual, ela representa uma cultura humana e sua resistência à cultura criada pelo capitalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aprofundado sobre cultura leva a compreensão que seu papel é muito mais relevante do que imaginamos na construção e organização de um espaço; até mesmo se considerarmos os aspectos econômicos, pois exatamente nestes, a cultura tanto influencia, quanto pode ser influenciada. E ao verificar que os espaços não são organizados somente através de fatores econômicos, observa-se que a cultura tem o poder de organizar um espaço diferenciado do espaço global e manter uma relação de resistência com o mesmo, visto que por ser global, este é organizado por uma cultura de dominação.

Dessa forma, constatou-se nessa pesquisa, o caráter de reação e o poder de resistência do naturismo aos padrões capitalistas. Porém, foi igualmente constatada a dependência e a interligação do espaço naturista com o espaço global, fazendo-o e mantendo-o subordinado a este, no tocante a economia e infra-estrutura em geral. Destarte, observamos o quanto a dominação e o apelo do capitalismo sobre a sociedade, interferem nos modos de vida, seja de maneira “positiva” ou “negativa”.

Os resultados obtidos com a pesquisa levam a compreensão do naturismo não apenas como uma filosofia de vida diferente, mas como uma cultura alternativa que exerce grande influência sobre o modo de vida dos naturistas e sobre a sua área de abrangência/dominação, embora encontre resistência por parte de conservadores (da suposta moral social) e adeptos da cultura hegemônica.

Além da importante valorização do ser humano que o naturismo defende e reproduz - considerando a decadência dos valores humanistas na sociedade de consumo, o naturismo levanta uma bandeira que atualmente está em “moda”: a da preservação ambiental e da sustentabilidade. O fator relevante é que de acordo com as ações dos naturistas, essa bandeira levantada por eles não condiz com a “onda contemporânea”, e sim, com um compromisso e com a prática (embora não seja em totalidade) que são levados a sério em seus comportamentos e atitudes.

Considerando a diversidade cultural e os valores tradicionais condizentes com as religiões, não podemos ter a pretensão que todos ou grande parte da sociedade aceite ou adira aos hábitos saudáveis do naturismo. Contudo, não podemos deixar de considerar o quanto necessário é, nos diversos grupos culturais - para o meio ambiente e para o ser humano, a consciência humanista e ambiental (existente no naturismo).

Mas, o naturismo é uma cultura de ideologia utópica, porque o natural parece não nos caber mais, não fazer mais parte de nossa sociedade. E a cada década, a cada processo

evolutivo, o ser humano parece se distanciar ainda mais da natureza, e dele mesmo. E dessa forma, o que nos parecia natural há tempos atrás, já não é mais; o natural ganha novas formas, novos conteúdos, e por estar tão presente no cotidiano, acabamos por acreditar que o que está posto como natural, de fato é.

Nessa conjuntura de fenômenos e “evoluções”, a geografia segue tentando compreender e analisar essas fases da sociedade global, analisando quais são os fatores determinantes ou de maior influência para as mudanças e os fenômenos. Porém, acredita-se que nosso papel seja o de mero pesquisador, analisador; não podendo mudar os fatos, ou a intensidade dinâmica dos fenômenos, uma vez que entendemos que uma das conseqüências da globalização é não termos o controle sobre suas marcas, qualquer que seja a esfera atingida.

Constatou-se já, há um tempo regular, que os efeitos do capitalismo sobre as culturas (leia-se culturas reais, que tem raízes) são desastrosos. E desastrosos, não somente porque a transformação da cultura “real” em cultura massificada gera lucros para as empresas capitalistas, que degradam o meio ambiente. Mas porque essas transformações, essa distorção cultural, corrompem simultaneamente os valores humanistas que fazem parte de determinadas comunidades ou grupos; e da sociedade em geral. E essa distorção de valores, afeta as várias instâncias das relações existentes no globo: homem – natureza, homem – homem e conseqüentemente, natureza – homem.

Esta última, denominada aqui “natureza – homem”, diz respeito ao retorno das ações humanas dado pela natureza. Este retorno, que entendemos como uma reação involuntária do planeta, vem ocorrendo de formas prejudiciais à sobrevivência humana e demonstrando de maneira clara, que a continuação desses comportamentos, ocasionarão uma seqüência de fatos talvez irreversíveis.

O naturismo mostra resistência a todo esse processo de hegemonia cultural, de fenômenos naturais e sociais. Ainda que “isoladamente”, contribui para a preservação do meio ambiente e a preservação da valorização humana. Contudo, não é, nem de longe, a solução para os problemas apresentados e discutidos aqui. O naturismo em suma, é um modo de vida, fator relevante para a construção e funcionalidade de um espaço singular, que se reflete em belas e atípicas paisagens culturais, neste caso, do litoral sul paraibano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nadjacleia Vilar. **Proposta de Zoneamento Ecológico Econômico para a Área de Proteção Ambiental (APA) Estadual de Tambaba – Paraíba**. João Pessoa: PRODEMA/UFPB/UEPB, 2006.

BANCO do Nordeste. **Prodetur – Apresentação**. Disponível em: <http://www.bancodonordeste.com.br/content/aplicacao/PRODETUR/Apresentacao/gerados/apresentacao.asp>. Acesso em 18 abril 2009.

BANCO do Nordeste. **Caracterização da área de planejamento – PDTIS II**. Disponível em: http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/downloads/docs/pb_3_3_diagost_area_planejamento_100708.pdf. Acesso em 18 abril 2009.

BANCO do Nordeste. **Estratégia de Desenvolvimento – cap. 4**. disponível em: http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/downloads/docs/pb_4_2_estrategia_desenvol_turistico_100708.pdf. Acesso em 18 abril 2009.

BANDEIRA, Jorge. **A vida de Luz Del Fuego: Pioneira do Nudismo no Brasil**. João Pessoa, PB. Edições Acauã, 2005.

BATISTA, Paulo Nogueira Jr. **Mitos da “globalização”**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n32/v12n32a12.pdf>. Acesso em 25 outubro 2008.

BRASIL naturista. **Praias oficiais**. Disponível em: http://www.brasilnaturista.com/11286/Search_Search.aspx?search=praias+oficiais. Acesso em 25 maio 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. A Dimensão Cultural do Espaço: alguns Temas. In **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSGROVE, Denis. Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 93-123.

FEDERAÇÃO Brasileira de Naturismo. **História do naturismo**. Disponível em: <http://www.fbrn.org.br/>. Acesso em 13 setembro 2008.

HONORATO, Bartolomeu. 2500 pelados de 33 países “invadem” povoado da Paraíba. **Jornal da Paraíba**. Disponível em: <http://jornaldaparaiba.globo.com/>. Acesso em: 12 setembro 2008.

LUZ Del Fuego. Disponível em: www.memoriaviva.digi.com.br/luzdelfuego/. Acesso em 23 abril 2009.

MEIRA, Priscila Zancheta. Ecologia. **Revista Brasil Naturista**. Lugar, 2008. ed. 04. p.20-21.

MINISTÉRIO público do Estado da Paraíba. Procuradoria – Geral de Justiça. **MPPB recebe levantamento da Sudema sobre loteamentos irregulares no Conde, Alhandra e Pitimbú.** Disponível em: <http://www.pgj.pb.gov.br/site/Internet/index.php?id=Materia&categoria=Noticias&idMateria=24>. Acesso em 20 julho 2008.

MORESCHI, Diogo. A mídia e a Produção do Estereótipo do Corpo Ideal. In_ **Revista Brasil Naturista**. Marcelo Pacheco ME: Gravataí/RS, 2008. ed. 04.

PEREIRA, Paulo. Três Razões para o Nudismo. **Revista Brasil Naturista**. Lugar, 2008. ed. 04.

RODRIGUES, Arlete Moysés. A produção e o Consumo do Espaço para o Turismo e a Problemática Ambiental. In_ YÁZIGI, Eduardo, CARLOS, Ana Fani Alessandri, CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (orgs) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994. 3ª ed.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000. 2ª ed.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In_ CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SONATA- Sociedade Naturista de Tambaba. **Naturismo**. Disponível em: <http://www.tambaba.tur.br/index.htm>. Acesso em 14 setembro 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CORRÊA, Roberto Lobato; CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TUAN, Yi-fi. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. New Jersey: Prentice-Hall Inc., Englewood Cliffs, 1974. Tradução de Livia de Oliveira: Difusão Editorial, 1980.

TERRAZUL. **O que é consumo sustentável.** Disponível em: <http://www.terrazul.m2014.net/spip.php?article142>. Acesso em 07 março 2009.

WAGNER, Philip L., MIKEESEL, Marvin W. Os temas da Geografia Cultural. In_ CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
 CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO

1. NATURISTA () FREQÜENTADOR ()
2. IDADE: até 18 () 20 a 40 () 40 a 60 ()
3. SEXO feminino () masculino ()
4. FORMAÇÃO ACADÊMICA:
- ENSINO FUNDAMENTAL () ENSINO MÉDIO () SUPERIOR ()
5. PROFISSÃO: _____
6. CLASSE SOCIAL:
- BAIXA () MÉDIA BAIXA () MÉDIA ALTA () ALTA ()
7. ESTADO CIVIL:
- SOLTEIRO () CASADO ()
8. ORIENTAÇÃO SEXUAL:
- HETEROSEXUAL () HOMOSEXUAL () BISEXUAL ()
9. VOCÊ PRATICA O NATURISMO APENAS EM SUA CASA OU TAMBÉM EM OUTROS LUGARES?
- SIM () NÃO ()
10. PARA VOCÊ, O QUE É A FILOSOFIA DE VIDA NATURISTA?
11. QUAIS OS MOTIVOS QUE O FAZEM SER NATURISTA?
12. O QUE TAMBÁBA REPRESENTA PARA VOCÊ?
13. QUAIS SÃO AS COISAS EXISTENTES EM TAMBÁBA QUE REPRESENTAM O NATURISMO PARA VOCÊ?

ANEXOS

GRUPO AMAZÔNICO UNIÃO NATURISTA

Grupo Amazônico União Naturista
 Fundado em 25 de julho de 2003
 Filiado à Federação Brasileira de
 Naturismo
<http://geocities.yahoo.com.br/graunaa>
 m
 Orkut: Naturismo em Manaus

**INFORMATIVO DE OUTUBRO DE
2008.**

Manaus-Amazonas

Encontro do Graúna neste mês será DIA 19, DOMINGO, NO SÍTIO BARCELONA.

*SETEMBRO E OUTUBRO (Aniversariantes)***Setembro**16 – Selma (*imperatriz*)

18 – Joel

Outubro7- Paulo Correia (*Oxentenat*)14 – Paulo (*Sítio*)

Obs Favor não presentear roupas e similares.*

DATAS IMPORTANTES DE OUTUBRO

4-Dia da Natureza e dos animais

24 – Aniversário de Manaus

CARTA ABERTA NATURISTA DE MANAUS

Manaus, terra de Ajuricaba, teu guerreiro que vivia na nudez essencial e lutava pela liberdade de seu povo das amarras coloniais. Reza a lenda que Ajuricaba, aprisionado pelas tropas portuguesas coloniais jogou-se no Rio Negro acorrentado, morrendo afogado. Ajuricaba, nesta Manaus que uns afirmam ter 160 anos (A Lei que cria a cidade Manaus é de 24 de outubro de 1848) e outros a consideram bem mais velha, lá do século XVII, quando se instala de forma definitiva a Fortaleza da Barra do Rio Negro, um aglomerado indígena que dará origem a cidade de Manaus. Hoje Manaus, passado todo este tempo, vamos falar de tua nudez, sim, tua triste nudez que reclama um retorno às origens. Teus índios agora não mais andam nus, ao sabor do clima tórrido de tuas entranhas, de teu asfalto quente, de tua vertiginosa e perigosa vida. Manaus, onde estará teu último dos moicanos, derradeiro Manaó, teu último índio nu, perdido em meio ao caos urbano que se instala a olhos vistos sob o teu inclemente sol? Como nós, Naturistas daqui, descendentes diretos destes teus antigos índios nus, gostaríamos de ter tua tribo nua de volta, qual volta triunfal feita apenas desta esquecida e vilipendiada nudez, com alegres pinturas nos corpos nus, com danças e cantos feitos de pele ao Sol, de compassos cadenciados pela tua doce e cruel melancolia. Nus, os índios são mais felizes, não resta dúvida. Nus, os Naturistas apregoam uma sociedade mais humana, não há erro nesta afirmação. Manaus, cidade dos igarapés e da floresta ao redor, poderosa mais frágil pelo avanço desumano dos humanos. Manaus, nesta data de teu aniversário, vá lá que seja mesmo, te desejamos apenas isso: que teus índios nus e tuas índias nuas voltem, mesmo que seja lentamente, mas com segurança, ao mundo maravilhoso feito de nudez e sol. Parabéns!

Conto Naturista Breve

SUANAM

Iran era um obstinado. Caminhava pelas ruas e sempre avistava coisas que não correspondiam com a banalidade do cotidiano atroz de sua cidade, escondida entre prédios e uma distante mata. Um dia, de forma curiosa, Iran avistou uma rua onde todos estavam usando a mesma roupa, roupa de um mesmo corte, de uma única e cansativa tonalidade, de um cromatismo vulgar. Achou curioso tudo aquilo, afinal era um dia ensolarado, freqüente para a cidade de Suanam. Continuou a caminhar e avistou em uma praça central, outras trocentas pessoas usando o mesmo talhem têxtil, a mesma e cansativa roupa, o tão anódino vestuário similar. Era como se uma nova lei insólita determinasse que os habitantes de Suanam devessem, a partir daquela data, usar aquele traje oficial e banal. Iran, com um espírito de guerreiro índio que

ressurge nas ocasiões mais arriscadas, sendo um Naturista essencial e fundamental, tira suas roupas e passa a andar nu entre os têxteis idênticos, os gêmeos siameses da máquina de tear, os homens e mulheres monocromáticas, os eremitas de um mesmo lugar comum. Nu, vestido de pele e Sol, nosso Iran passava despercebido por entre as roupas andantes, e assim, desta forma deveras instigante, ele passou a andar sem ser percebido e molestado em sua nudez verdadeira. Ou seja, infere-se que os detentores das mesmas roupas também detinham um mesmo cérebro oco e individualista, jamais se importando com a alheia vida, e que nosso Iran, nu ou vestido, seria o mesmo invisível para tão cruéis seres vestidos de indiferença.

A moral desta historieta? Ficaremos por conta de certo poeta chamado Mário Quintana “Somente nunca sai de moda quem está nu”.

Ps Escrevi este conto como forma de agradecimento à jovem Suana, que conheci através do amigo Flaviano Augusto no 31º Congresso Internacional de Naturismo, realizado na Praia de Tambaba, na Paraíba. Suana é geógrafa e por coincidência seu nome lido ao contrário quase se transforme em Manaus, fica faltando só um M para tal feito. Por isso a cidade onde habita Iran chama-se no curto conto Suanam.

Telefones úteis para utilizar, visando obter informações sobre o Graúna, seus associados e suas atividades naturistas (encontros, etc)

Iran (9195-3497) Mauro (9133-5151) Grace (9187-7633) Sena (9113-1010) Bandeira (9116-6775) Paulo (9181-2218) Lana (8198-6514) Mário (8124-1740)

Repensando os dias dos encontros naturistas do Graúna

Depois de constatar que as datas relativas ao último domingo de cada vez dificultava a presença efetiva, constante, de algumas de nossas graunenses, decidimos realizar nossos encontros naturistas em semanas alternadas. Explicando, nosso encontro de setembro último foi realizado no último domingo, agora o encontro deste outubro será realizado no penúltimo domingo do mês, no próximo mês será no terceiro, e assim sucessivamente. Esperamos que esta mudança contemple o maior número de graunenses. LEMBRANDO: DIA 19, penúltimo domingo de outubro, teremos nosso encontro, desta vez no sítio Barcelona, o aprazível local disponibilizado aos naturistas do Graúna pelo nosso querido amigo e ex-presidente, o naturista Carlos Sena.

A seguir, o Poema de Suana:

Naturismo...

*Terra nos meus pés,
Meus cabelos no vento,
Minha pele no Mar...*

*Sou tão natureza,
Quanto ela sou eu
Sou liberdade,
Que desenha meus contornos...
Braços
Peito,
Olho,
E realizo o equilíbrio que o mundo desfaz
Reinvento a vida,
E desinvento o caos...
Sou de novo origem
Sou ar,
Água,
Terra
E fogo.
Prazeres,
Dores,
Paz
E sabores...*

*Me transformo no que deveria lembrar que sou
Me habituo ao que esqueci
Revivo as evoluções,
Transformações,
Corrupções,
Desequilíbrio...
Desengano,
Desespero,
Desejos...
Ausência,
A procura,
Do que estava,
E não se encontra mais,
Em lugar comum...*

*A essência se esvazia da forma
E as cores se desgastam em valores
O abstrato agora é tão concreto quanto números
Fantasias que se tornam pesadelos,
Noites sem escuro...
Paralelo a tudo isto,
Encontro outro mundo
Aquele que deveria ser este...
O que não é utopia,
E sim remanescente,
Reminiscência,
Do que foi e não é...
Então esqueço as paredes,
A moeda,
A cor cinza,
Os hábitos mecânicos,
E me lembro o que sou...
E querem que eu esqueça...*

(Suana Medeiros)

Jorge Bandeira: (92) 3233-7316/ 9116-6775/ e-mail:
vicaflag@hotmail.com